

de surpresa e por absurdo um vasto imperio, lucrativo pelo monopolio, pois que Portugal não produzia, nem industrial nem agricolamente. Esta existencia de parasitismo commercial e de esbulho de transporte só poderia subsistir emquanto as outras nações, directamente interessadas na troca, estivessem presas por preocupações interiores ou manietadas por prejuizos subjectivos.

Logo que ess'outras nações tivessem as mãos livres, haveriam de atacar Portugal no gozo esterilizante d'um exclusivo que as prejudicava, tornando-as dependentes; e Portugal haveria de resistir então pelo unico processo possivel, rotas as intelligencias e desfeito o accordo, isto é pelas armas. Mas eis o que elle não podia ultimar, visto sua pequenez, perante competidores ou maiores, e, consequentemente, mais fortés, ou mais ricos, o que vem a dar na mesma.

Portugal comprehendeu sempre esta latente situação-falsa, que se patenteou ostensiva graças á sua união a Castella, facilitando as investidas dos hollandezes, em guerra contra essa, e depostos por completo os curtos escrúpulos. Mas a crise já vinha de traz, pois, como acertadamente o frisou Fernando Palha, no seu opusculo ácerca da carta de marca de João Ango, «sem recursos e sem braços, viamo-nos obrigados a sustentar, custasse o que custasse, o dominio dos mais extensos mares, que só consentiamos em partilhar com a Hespanha. Utopia em todos os tempos e para as maiores nações, muito mais o era para quem não tinha forças para servir tam grande ambição.»

As audacias, expoliadoras, dos corsarios francezes datavam de longe; porém a tentativa d'elles, agora com character official, essa carta de marca concedida a João Anjo, obrigou o rei D. João III a mandar a França, para negociações refalsadas, todavia sempre servis (pela consciencia da fraqueza), o seu maior valido, o vedor da fazenda, D. Antonio de Athayde, futuro conde da Castanheira; pois que, além dos insultos a que as colonias, insufficientemente protegidas, ficariam sujeitas, o mercado de Flandres, unico então para as mercadorias que a tanto custo iamos buscar a tão remotas paragens, ficaria completamente fechado; seria, exclama, com aterrada razão, Fernando Palha, « a ruina total. »

Sem a materialidade da força effectiva para fazer respeitar o nosso monopolio, fundado na prioridade da descoberta (e esta chimera temos vindo, obstinadamente, sustentando até o *ultimatum* de lord Salisbury), só nos valeria a collectiva acquiescencia cosmopolita, incontestada e incontestanda, a uma decisão ethica promulgada por auctoridade espiritual indiscutivel. Assim, o nosso interesse chrematistico alliava-se ao nosso fanatismo tradicionalista; e tinhamos de ser catholicos por economia politica.

Ainda que, já mesmo no concurso dos fieis catholicos até, com hesitações alheias e perigos proprios. « Quando um papa (escreve Fernando Palha), a rogos dos reis de Castella e Portugal, traçou linha imaginaria que de um polo a outro polo dividia entre as duas corôas a conquista do mundo, Francisco I, que então

reinava em França, declarou logo que, não conhecendo a verba do testamento do omnipotente que o desherdara, reservava sua liberdade de acção.»

Que seria então quando a obediencia á Santa Sé viesse ás rebatinhas e o papa passasse a ser para parte dos christãos o Anti-Christo? Que seria quando surgissem protestantes, alçados atrevendo-se á fé catholica? Que seria quando contra a egreja romana se erguessem braços rebeldes e quando aos ungidos reis seus legitimos, povos d'outras variedades de fé recusassem, temerarios, submissão e obediencia, devassallos volvendo-se impiamente senhores? A que se recorreria?

Improficuo foi o tentamen dialectico do canonista doutor fr. Seraphim de Freitas, appellando aliás para os principes soberanos do mundo christão, no proemio da sua obra hoje completamente esquecida e todavia integralmente typica, completamente definidora. Contra Grocio e seu *Mare liberum* escripta foi, *De justo imperio Lusitanorum asiatico*. A construcção não se aguentaria, porque os fundamentos eram preliminarmente repudiados: — Capitulo vi, Do poderio do Soberano-Pontifice concernentemente ás coisas tempo-raes; Capitulo vi, Terão os portuguezes um direito de dominio sobre a India, a titulo de doação do Soberano-Pontifice?; Capitulo viii, Do direito de penetrar entre os indios, como pertencendo de preferencia aos portuguezes, em virtude de titulo emanado do Soberano-Pontifice; Capitulo xii, O mar das Indias (ou o-

(direito de n'elle navegar) coisa propria será dos portuguezes a titulo de doação do Soberano-Pontifice? —

Sempre n'este privativo theor; e, com respeito ao capitulo VI, que qualifica de *interminavel*, o moderno traductor insurge-se. Primeiro, na juventude, trasladador fôra de Grotius; depois, na edade-madura, de Freitas o veio a ser, elle, esse commissario-geral da marinha, A. Guichon de Grandpont. Ora, fallando de taes excessivos desenvolvimentos da theoria do poder do Papa sobre o temporal dos Principes, de Freitas escreve: «Sobre essa meza, bate como um surdo que era.» Não bem assim. Pois que esse argumento sem valor era, comtudo, quasi o unico disponivel então dos portuguezes para com os hollandezes, seus intrusos na Asia, consoante o fôra, no tocante á independencia, para com os seus visinhos leonezes e castelhanos na Europa: a decisão ultima, indiscutivel e infallivel, do Soberano-Pontifice.

Haveriam de esquivar-se d'esta subalternisação; haveriam de da promovida infallibilidade mofarem e escarnecerem. O progresso moral, na independentisação das consciencias, caberia que lentamente se operasse. Todavia, com seus altos e baixos, com suas intermittencias e regressões. E é para nós-outras desagradavel que uma d'essas phases de retrogradação estivessemos destinados, os d'este tempo, a percorrel-a.

Na verdade, a reacção, politica e moral, que vem seguindo seus tramites n'este paiz parece que não está cerce ainda do termino do impulso de seu movimento primario; antes a todos se prefigura que ella

continuará a desenrolar-se por ambito ainda longo tambem. De dia para dia, os governantes vão desgastando, com effeito, em todas as regalias liberaes.

O que ha de mais desanimador n'este painel de uma retrogradação constante é a indifferença com que uma população inerte assiste a similhante progressiva usurpação dos seus direitos. Se o movimento descensional não encontrasse os embargos de causas exteriores, poderíamos, mesmo, suppor que na ordem politica se regressaria ao puro governo absoluto e na ordem moral á extrema intolerancia religiosa. Não seria, pois, inteiramente abusiva a hypothese de que em Portugal se reintegrassem as instituições de periodos historicos ultrapassados e suppostos, logicamente, extinctos. Em Lisboa voltar-se-hia a accender as fogueiras dos autos-de-fé da Inquisição; e, no Porto, volver-se-hia a montar as forcas das execuções da Alçada. Se hoje ha já corregedores, breve haveria tambem sargentos da ordenança; e uma turba embrutecida gritaria nóvamente: « Viva o snr. capitão-mór, que já nos póde mandar enforcar! »

Mas, circumstancias exteriores (independentes da vontade dos vassallos portuguezes) impedem que se chegasse a esse ponto ultimo de degradação civica e de imbecilisação individual.

Quando internos, de todos, os não houvesse, dois são esses obstaculos externos, irreductiveis felizmente.

O primeiro é o consenso da Europa occidental. Por mais que no occidente civilisado se chalacée que a Africa começa nos Pyrineus, o certo é que a Eu-

ropa não poderia tolerar uma plena reintegração do despotismo monarchico e clerical na península ibérica. Em França, por menos republica que seja, sempre ha uma republica; e a tutela moral da França sobre as nações latinas, ella não a deseja perder, como timbre do seu orgulho. De modo que, se os portuguezes quizessem voltar a queimar judeus em Lisboa, ou a enforcar liberaes no Porto, as nações estrangeiras não o deixariam; e esta, para ultrajante vergonha nossa, pareceu, por vezes, quasi que a garantia unica dos portuguezes cultos e progressivos no alvorecer do seculo xx. Que desgraça!

O outro obstaculo externo que estorva uma regressão integral ao passado historico, vem das condições economicas da sociabilidade contemporanea.

N. - O constitucionalismo destruiu o typo rudimentarmente agricola, que era o fundamento estavel do absolutismo governativo. Vendeu os bens dos frades; aboliu os morgadios; estabeleceu a egualdade nas successões.

D'aqui proveio uma consequencia de ordem psychologica, que foi a dissociação do principio da auctoridade contracta, na familia, de typo patriarchal, pela impossibilidade dos desherdamentos e pela egualdade dos irmãos uns para com os outros. D'est'arte, o despotismo não póde ser em Portugal, hoje, senão uma violencia franca, pois que se não molde na sympathia do exemplo da vida familiar archaica.

Concomitantemente, pelo desdobrar do commercio, pelo fomento do credito, pela mobilisação da propriedade, Portugal entrou tagatinhando no typo das socie-

dades capitalistas : de producção fabril, de aproveitamento colonial e de proletariado urbano. Ora, este modo de ser economico não permite uma retrogradação completa para a maneira de existir, politica e religiosa, das epochas proximamente passadas, porque reclama liberdade de movimentos, educação technologica (de character positivo e scientifico), e um regimen ostensivo de publicidade, indispensavel ao rythmo da compra e venda e á fixação dos preços no mercado mundial. Egualmente requer a intervenção da burguezia capitalista nos negocios publicos, que a affectam pelo imposto e pela pauta, pelas tarifas de transporte e pelo functionalismo.

Aquelles reaccionarios radicaes que suppoem possível uma revertencia integral ao passado historico são, portanto, desasizados e loucos, porque não attendem ao facto concreto da alteração do meio ambiente. Todavia, a reacção póde operar-se em proporções muito vastas ; e vastissimas são ellas já hoje em Portugal, desde que o movimento de retrogradação se accentuou, a partir do seu instante originario.

Mas nem por isso folguei demasiado os maus homens, egoistas e tyrannicos, que se vão congratulando, no periodo que decorre, com seus crescentes triumphos. A' hora menos pensada, por effeito de factores imprevistos, tudo muda.

Ahi tivemos, do visinho, solidario e affin, o exemplo elucidativo e incontestavel.

Mas sabemol-o agora ?

Agora de lá mau volve o informe. Galliza, Cata-

lunha, toda a Hespanha apresenta uma feição, hoje em dia, consoante Portugal, de clericalismo, jesuitismo ou como quer que queiram chamar á revivescencia presente do fanatismo tradicional ; e o regionalismo, peculiarmente o catalão, não está indemne de tam triste responsabilidade. Porém a Hespanha de hoje em dia não pode medir-se, no typo, com a sua antecessora, e, todavia, a retrogradação, quasi que óvante então, não vingou, comtudo.

Na verdade, como se vinha dizendo, eis ahi exemplo para nós-outros, portuguezes de hoje, exemplo elucidativo e incontestavel.

A Hespanha de Isabel II foi, com effeito, um modelo de reacção pavoroso ; a vida, mesmo, dos illuminados e liberaes não era poupada. A ferocidade do ministro Narvaez chegou a constituir proverbio. D'este homem cruel se disse que, convidado, á hora da morte, pelo seu confessor, a perdoar aos seus inimigos, elle respondera que não os tinha, visto como os fusilara a todos. Os outros ministros typicos de Isabel não contrariavam a licção de Narvaez ; O' Donnell foi implacavel nas repressões. Uma carolice immensa se espalhou na cõrte e nas altas classes sociaes. Quem mandava eram frades e freiras, directores da consciencia e irmãs da caridade, o padre Claret e soror Patrocínio, se, alludindo de memoria, bem me recorda as designações d'estas sombras. Os homens de espirito avançado estavam ou nas cadeias ou desterrados ou proscriptos no exilio. E, subitamente, as circumstancias se modificam, todo o edificio obscurantista se desmorona, as

côrtes constituintes de 1869 surgem como uma maravilhosa escola de eloquencia, de reformas e de innovações. Um anno depois abatia tambem outro apparatuso monumento de perversão e tyrannia, em França. De forma que, pelas victorias da reacção, conjecturar a sua persistencia eis o que se demonstra erroneo e chimerico. Pelo contrario ; nada ha de estavel nas obras de retrogradação ; estão condemnadas a perecer.

Mas, no entretanto, os prejuizos que d'ellas dimanam são calamitosos ; e resulta util todo o esforço tendente a manter os progressos já realizados, restituindo aos animos, com a confiança, a energia.

A Portugal, hoje em vez, chegou a hora de offerer um deploravel espectaculo de tyrannia e de subserviencia ; mas não está inteiramente perdido tudo quando se conserve a independencia do espirito, contra a qual a violencia exterior nada póde. É uma luz escassa, talvez ; mas na sua simples existencia se firma a esperança ; a claridade será clarão ; e a altaneria moral virá a transportar-se da vida individualista para a existencia collectiva. Eis a substancia dos ensinamentos fecundos da historia humana.

Concretamente, em seu especialismo o testemunha a evolução moral da nossa sociedade portugueza, fornecendo um exemplo demonstrativo da exacção de certo asserto de Herbert Spéncer, considerando primordialmente, ao invéz do seu conterraneo Buckle, a valia dos sentimentos sobre a das idéas, até que na consciencia collectiva o todo dos estimulos justiceiros e beneficentes constitue, como elle magnificamente se

expressa, em uma formula psychologica realista, « um sentimento simultaneamente solido e vago. »

Que isto assim aconteceu em Portugal certifica-o o historico desenrolar do conjuncto de aspirações dignificadôras a que se chamou successivamente o regalismo, o liberalismo, o republicanismo, o socialismo. Ellas se integram todas no conceito da emancipação individuada, solidaria com a integração livre. São os denominados sentimentos democraticos; e a disciplina moral, n'elles originaria e derivando em conducta tanto quanto possivelmente systematica, perdeu a adusta feição severa da primitiva urgencia de combatividade aspera e irreductivel; humanou-se; suavizou as theoricas agruras. Proseguia assim a marcha da generica evolução.

De facto, a regida fidelidade aos principios marcou o cyclo heroico da democracia moderna; as almas, como que na inconsciente previsão das provações proximas, amoldaram-se ás necessidades extremas de um rigor logico inquebrantavel. Expliquemos, exemplificando :

Na primeira constituinte da Revolução, estando-se a discutir a extensibilidade ás colonias francezas da applicação dos principios fundamentaes das novas convicções politicas, grande numero de espiritos timoratos, e enleados ainda dos preconceitos do pensado, sobresaltou-se. Era isto a 7 de Maio de 1791. Em 4 de Dezembro de 1789, no primeiro impeto do enthusiasmo revolucionario, Alexandre Lameth dissera: « Eu sou um dos maiores proprietarios de São-Domingos; mas de-

claro que, ainda que tivesse de perder tudo quanto lá possuio, preferil-o-hia a postergar os principios que a humanidade e a justiça consagraram. Pronuncio-me não só pela admissão dos mulatos aos cargos administrativos como pela liberdade dos negros.»

Infelizmente, não foi essa nobre linguagem por largo espaço a linguagem de Lameth, nem a de Barnave, cujo papel na questão das colonias Louis Blanc nos informa que lhe suscitou ao depois a alcunha de *O homem das duas caras*. De maneira que, na data que indicamos, o padre Maury, sob força de espirito equivocadamente christão, gritou em prol da causa da desigualdade. Imputou aos homens de côr as paixões acriminosas e a soberbia do orgulho; e increpou-os com lhes attribuir o gosto e a ambição do dominio. Este discurso causou tanta impressão na direita da camara que, quando o sacerdote desceu da tribuna, muitos deputados se precipitaram ao seu encontro, a abraçal-o.

Levantou-se Robespierre. Fôra que, sob o influxo do conceito prevalecente do interesse material, Barnave pyzera, superciliosamente, a pergunta: «Vós-outros quereis ter colonias, sim ou não?» Robespierre respondeu: «Succumbam as colonias, se a vós-outros ellas vos devem custar a vossa gloria, a vossa felicidade e a vossa liberdade.»

Mais contracto e preciso, já Dupont havia bradado, em resposta ás prophecias sinistras de Malouet, que invocara o interesse, restricto e immoral aliás, mas, emfim, o interesse da França: «Tendo-se de

optar entre o sacrificio do interesse e o da justiça, vale mais a pena sacrificar as colonias do que um principio.»

Esta severidade doutrinaria não se compadece com a relatividade (mental, moral e historica) em que nos exercemos. Ella envolve, mesmo, uma contradicção implicita, pois que, no caso, a perda das colonias representaria um regresso integral á selvageria indigena. Mas tem a sua belleza; e esse intransigente rigor cumpre que nos appareça, na penumbra da consciencia, como o limite ideal para que o esforço pratico converge, sem jámais, por nossa penuria, o poder attingir.

Não obstante, se a esta rectilinea claridade nos guiarmos, o problema de discriminar, d'entre os sentimentos politicos, quaes sejam os especificamente progressistas torna-se correntio e intuitivo.

A democracia, pelo momento proximo, na ordem governativa (pois ainda não é hora da eliminacão integral da idea de auctoridade) define-se n'essa formula positiva que Hartmann considerou como o desfecho do desenvolvimento historico. Ora, tal symbolo que é o que quer dizer? A palavra, que o expressa, é uma palavra portugueza, que vem de duas latinas: *res* (que significa « coisa ») e *publica*. Significa, portanto, *Republica coisa publica*, a coisa de todos.

N'estes termos, a conducta politica do democrata, do civilisado, do progressivo está marcada, porquanto, na exigencia immediata ou na aspiracão addiada todos o sendo substancialmente, verdadeira e effectivamente

republicano é aquelle ao qual se possa dizer, com Cicerone: *Facis ad rem publicam et ad dignitatem tuam*. Isto é: «Tu procedes no interesse da patria e da tua dignidade.»

E eis aqui já definido o fundamental sentimento democratico. É o da dignidade pessoal.

Por isso, no verdadeiro democrata, não se encontrará jámais, quer na monarchia, o estofo d'um cortezão, quer, na republica, o d'um lisonjeiro do povo. O servilismo, ou então (o que, no fundo, é o mesmo vicio, nol-o relembra Barni) a lisonja demagogica, causa-lhe horror: possui uma alma demasiado altiva para que desça a qualquer d'essas duas symetricas degradações.

Mas, por outro lado, a alma verdadeiramente republicana não confunde o amôr da egualdade com a inveja da superioridade legitima. Não é vaidoso, esse assim animado, mas não é ingrato. E sabe que foi a inveja que deu cabo de democracias pouco instruidas ou pouco moralisadas. É a inveja que torna possivel o despotismo, porque os falsos democratas preferem a tyrannia cesarica á supremacia verdadeira. Os factos das republicas antigas e medievas (até das modernas) exhibem com frequencia a ignominia d'estes espectaculos destruidores.

Muito é amar a liberdade e a egualdade; não ha democracia onde quer que esse duplo amor não determine o animo dos cidadãos; e esse é o manancial primario d'onde jorra a vida independente e autonoma. Mas estes nobres sentimentos são insufficientes, ainda

assim. Uma alma não é verdadeiramente republicana, digamol-o em definitiva, se n'ella não habitar outro sentimento; transcendental, de origem divina. É o da humanidade; ella estreita, por um laço mais intimo, a união dos cidadãos.

A sociabilidade moderna abriga-se sob a disciplina de uma synthese suprema, expressa na formula maravilhosa, insubstituivel, proposta por Saint-Martin antes da Revolução Franceza. No seu estylo symbolico, elle chamava-lhe o *ternario sagrado*. Não fallava d'ella senão no tom d'um enthusiasmo solemne.

Qual é a palavra da esphinge? Qual é a decifração do enigma?

Eil-a: — *Liberdade. Igualdade. Fraternidade.*

A Liberdade e a Igualdade, de per si, constituem o Direito. A Liberdade e a Igualdade estão submetidas ao criterio que criam primeiro e a que obedecem depois. Que criterio é esse? Chama-se a Justiça. Não basta, porém.

Então ha alguma coisa acima da Justiça ainda?

Ha, sim. O quê? A Bondade.

A Bondade com a Justiça ou (o que equivale a dizer o mesmo) a Justiça sob a Bondade tira á formula coordenante a rigidez theorica. Ella assume, desde então, um character humano, que é o final e conclusivo, completando-se a Liberdade e a Igualdade com a Fraternidade, a qual seja a Bondade coexistindo emfim com a Justiça.

Liberdade, Igualdade, Fraternidade! Humana trindade, ineffavel e esquiva...

O ternario sagrado! Saint-Martin, seu inventor e promotor!

Mas, sem embargo de sua peculiar originalidade, cumpre não esquecer que Saint-Martin começara por ser discipulo d'outrem, d'um d'esses homens extraordinarios que gravam sua personalidade na sua epocha; e esse homem era *portuguez*, «mysterioso portuguez», consoante (realista, romanescamente) se compraz em lhe chamar o biographo critico do «philosophe inconnu», o snr. Matter. Portuguez-judeu, christão-novo, «de raça oriental e d'origem insolita, mas tornado christão á laia como assim se tornavam os gnosticos dos primeiros seculos.» Quem?

NB

«Quanto mais se estuda Saint-Martin, com o tractado de seu mestre, *Da Reintegração*, á vista, tanto mais se sente, em toda a sua profundidade, a influencia do theurgista de Portugal sobre o mais celebre dos seus discipulos de Bordeus.»

O auctor do tractado *Da Reintegração*, manuscrito com que, na data, teve a felicidade de deparar o snr. Matter, designa-o este por theor equivoco para ouvidos lusitanos, apezar, todavia, de seus proprios correctivos. «Toda a vida de Martinez de Pascualis está envolta em mysterios. Chega a uma cidade não se sabe d'onde nem para que. Deixa-a não se sabe nem quando nem como. Sabemos que dom Martinez findou seus dias em 1779 em São-Domingos, em Port-au-Prince, o que por muitas vezes fez com que o dessem por hespanhol.»

O rev.º Fournié, que era, segundo o parecer do

N. | snr. Matter, da diocese de Lyon e que se havia quiçá encontrado de primeira com « o mysterioso portuguez » nas margens do Rhodano, antes de o seguir a Paris, adheriu ás suas doutrinas « espiritualistas » (thema correspondente, se transcendentalisado, das modernas revivescencias spiritistas animicas) com todo o poder de sua fé, conciliando-as, tanto quanto possivel, a bem das suas crenças catholicissimas. Refugiado em Londres durante as borrascas revolucionarias, ahi continuou seus estudos theosophicos e lá publicou, por 1801, sob o titulo de *Ce que nous avons été, ce que nous sommes et ce que nous deviendrons*, um volume que veio a ser rarissimo, em cujas laudas refere a maneira como foi investido, recrutado e iniciado. Este relato, a aviso do snr. Matter, está simplicissimamente escripto, sem pensamento reservado e sem calculo sectario :

aviso | Após haver passado minha juventude d'uma maneira tranquilla e obscura segundo o mundo, a Deus aprouve inspirar-me um desejo ardente de que a vida futura fôsse uma realidade, e que todo quanto ouvia dizer concernentemente a Deus, Jesus-Christo, e seus Apostolos fôsem outrosim realidades. Proximamente dezoito mezes decorreram em toda a agitação que me causavam esses desejos, e então Deus concedeu-me a graça de vir a encontrar um homem que me disse familiarmente : « O snr. devia vir vêr-nos, nós somos gente boa. Abrirá um livro, olhará para a primeira lauda, para o meado e para o final, lendo tão só algumas palavras, e saberá tudo quanto elle contém. O snr. vê a caminhar toda a sorte de gente por essas ruas; pois bem ! toda essa gente não sabe para que é por que caminha, mas o snr., o snr. sabel-o-ha. »

Este homem, cuja entrada commigo póde parecer extraordinaria, chamava-se don Martinets de Pasquallys.

Ora, do enigmatico personagem o dictionarista d'Harmonville resumia suas consignações de datas, registrando que Martinez Pasqualis, chefe da seita dos martinistas (o snr. Matter distingue, de rigor, para martinistas), era portuguez de nação, e da religião judaica; que instituiria um rito cabalístico, o qual introduzira n'algumas lojas maçônicas de França, em Marselha, Tolosa e Bordeus, 1754. Porém, o snr. Matter, com respeito a seu notavel biographado, archiva que desde 1774, e mui provavelmente antes d'esta epocha, o snr. de Saint-Martin tinha encaminhado seus passos para Lyon, uma das grandes estações de seu mestre. N'essa epocha as «lojas» eram por uns consideradas como uma especie de sanctuarios de mysticidade, pelos outros como um meio de honesto passatempo, meio seu tanto dignificado pela beneficencia. Muitas «lojas» engalanavam sua denominação com o timbre d'essa virtude, adoptando e adaptando um vocabulo assás recentemente creado e substituido á palavra de «caridade», *que era reputada em demasia pouco philosophica.*

Saint-Martin fez na Loja da Benificencia, de Lyon, um curso, de cujo entrecho algumas licções ou antes alguns fragmentos fôram publicados em suas obras posthumas.

No em que importa attentar aqui (para o fito que de longe estamos visando) é no character dissidente do ensino; ficou marcado na propria chrisma do nôme da virtude; essa alteração tem alcance revolucionario, como o ha no da mudança da caridade para philanthropia, preliminar este da ulterior depuração da beneficencia

no soccorro mutuo. Ora, esse dissimulado (ou mesmo, em alguns casos, inconsciente) intuito revolucionario, a quem não logra escapar é ás miras desconfiadas da reacção intelligente; e um dos seus mais insignes representantes não deixou de lhe fixar o modulo representativo, quando do illuminismo houve de discorrer, sem embargo de suas sympathias extrinsecas pela personalidade de Saint-Martin.

Na verdade, o conde José de Maistre, em suas typicas *Soirées de Saint-Petersbourg*, escreve, após recriminações: « Não é, de resto, que não possa haver e que não haja realmente nas suas obras (dos illuminados) coisas verdadeiras, racionaes e tocantes, mas que são em demasia compensadas por o quanto elles lhes mesclaram de falso e de perigoso, *sobretudo por causa da aversão que teem a toda e qualquer auctoridade e hierarchia sacerdotal*. Este character é geral entre elles; jámais em tal materia deparei com excepção perfeita entre os numerosos adeptos que conheci. O mais instruido, o mais sensato e o mais elegante dos theosophos, Saint-Martin, cujas obras fôram o codigo dos homens de quem estou fallando, participava, todavia, d'esse *character geral*. »

Mas o rev.º Fournié é d'uma extensividade mais esclarecedora e categorica. Condensando o ensino do snr. de Pasquallys, informa-nos por este theor, a relanços extravagante em um padre catholico d'alma christã: « As suas instrucções diarias eram: de convergirmos incessantemente para Deus, de crescermos de virtudes em virtudes, e de trabalharmos para o bem

*geral.* Assimilavam-se ellas exactamente aquell'outras que parece que, no Evangelho, Jesus-Christo dava aos que lhe seguiam os passos, sem jámais forçar ninguem a acreditar n'ellas sob pena de resultarem reprobos e condemnados aquelles que não crêsem, sem impôr outros mandamentos senão os de Deus, sem imputar outros peccados senão aquelles que são expressamente contrarios á lei de Deus, e deixando-nos bem frequentemente suspensos sobre se elle era verdadeiro ou falso, bom ou mau, anjo de luz ou demonio.»

O conde José de Maistre reserva-se escrevendo que não diz que todo o *illuminado* fôsse franc-maçõ; que diz, tão sómente, que todos quantos elle conheceu, em França sobretudo, o eram. Porém, sem mesmo se frisar a differenciação hierarchica das «lojas» n'uma superior iniciação esoterica, a dentro do inicial mysterio, vedado aos profanos, a influencia na propaganda, pela cathechese e pelo facto, das associações secretas não pode deixar de reconhecer-se, apesar de ter sido exaggerado, por uns n'um sentido apologetico, por outros com um fito de denegrimto.

No matiz reaccionario de seu ensino, encerrou a serie das dezoito licções publicas em Vienna, sobre a *Philosophia da historia*, Frederico de Schlegel tractando de pôr em destaque incisivo, apontando para a franc-maçõnaria, a indicação symptomatologica de que, havendo o seculo XVIII visto rebentar ao mesmo tempo e d'uma maneira tam repentina tantos maturos acontecimentos em o mesmo dia, se bem que uma reflexão attenta possa encontrar-lhes motivo e

N.B.

causa sufficiente em seus precedentes, no estado natural das coisas, dada a situação geral em que se encontra o mundo, «é-se, sem embargo, inclinado a crêr que elles haviam sido preparados com antecedencia, de designio feito, e em segredo; innumeras circumstancias veem seguidamente corroborar este presentimento, e dão sobre o conluio indicações que teem toda a auctoridade da historia».

Estabelecido n'estes desproporcionados termos o conceito, elle é chimerico e indigno d'uma cabeça philosophica; mesmo o vulgo, no fim, se recusará, pelo simples bom-senso, a acreditar que as revoluções fôram tramadas com alguns seculos de antecedencia por uma centena de conspiradores a dentro de seus mysteriosos conventiculos; é o desvairamento, pelo exaggero, d'uma rota estreita. Debalde Schlegel se auxilia da noticia de «que em uma região meridional do hemispherio americano os dois partidos que figuravam na revolução d'aquelle Estado, cujas perturbações duram ainda (1828), se designam com os nômes de Escossezes e Yorkenses, segundo a opposição que existe nas lojas inglezas.» Elle reporta-se do exemplo fornecido por Bonaparte, a quem nomea pela periphrase de «o homem que n'estes ultimos tempos reinava sobre o mundo»; todavia, essa dexteridade habil de que o reveste não fôra patentemente ostensiva, por via de regra commum. Solemne havia sido a revelação, pela symbolica cultual da «aboboda-de-aço», sob que Luiz XVI fôra acolhido, hoje rememorada oficialmente no grande quadro onde á esplendorosa exuberancia colo-

rista do competidor Rochegrosse a venceu o acuramento proporcionado do eximio Jean-Paul Laurens, sobrio e morte-côr.

Não deixa Schlegel de na franc-maçonica discriminar atravez do drama revolucionario o fio esoterico christão, ainda que tenue, como peculiar de restricta minoria; seus olhos miram Saint-Martin, «um christão theosopho, . . . inteiramente isolado, á parte, d'esse partido atheu, que dominava por então, *se bem que sahido da mesma eschola e da mesma esphera.*» Na verdade, o proprio Saint-Martin «é decididamente revolucionario; mas é um revolucionario desinteressado, romanesco, que obedece a uma convicção fundada sobre rasões superiores e espirituaes.»

«Entre os escriptores francezes da restauração (observa Schlegel), ninguem, tam perfeitamente bem como o conde de Maistre, soube apreciar este philosopho notavel.» E, comtudo, o mesmo Schlegel, por sua banda, não soube tambem tirar das passagens do conde de Maistre as illações que conviria desfiar-lhes. Antes se extravai.

Pois, no afan de caracterisar toda essa tramoia subterranea, espalha-se em destrinças de originações fabulosas. Para Schlegel, «o espirito anti-christão, que o illuminismo, essa opposição *regularisada*, envolve em sentenças d'uma philanthropia universal, poderia bem ser, segundo toda a analogia historica, d'uma data assás moderna; emquanto que o principio christão que até ainda em nossos dias, após uma lucta tam espantosamente diversa entre os partidos d'essa seita, se

mantem ainda e sempre, posto que em meio de uma muífraca minoria, deriva talvez, na conformidade da origem que reivindica, d'uma fonte oriental e gnostica.» Todavia, n'um relance de conjuncto, Schlegel ponderara que, «pelo que concerne á origem ou á fonte d'onde essa influencia esoterica se espalhou na Europa, qualquer que seja o motivo ou qualquer que seja o interesse que se tenha em o negar ou em o contestar, resulta proximamente com toda a evidencia, tão só pelo exame dos factos, que a ordem dos Templarios foi como que a ponte sobre a qual todo esse conjuncto de mysterios passou para o occidente, pelo menos quanto á sua fórma, que continúa hoje a ser a mesma que então.» Com um proposito de aristocratizar pela antiguidade a sua ordem, os historiadores franc-maçons embarçam-se, a seu gosto, n'estas inextricaveis filiações; todavia, nada veem ao caso, attento o modernismo averiguado da instituição que, em sua symbolica formalista, chega aos nossos dias indemne de alteração essencial.

O conde José de Maistre, fallando dos illuminados, fornecera acaso ponta do fio conductor quando escrevera: «Eu tive occasião de me convencer, ha mais de trinta annos, em uma grande cidade de França, que uma certa classe d'esses illuminados tinha graus superiores desconhecidos aos iniciados admittidos ás suas assembleias ordinarias; que possuiam mesmo um culto e padres que elles denominavam com o nôme hebraico *cohen*.» E o proprio Schlegel registrara que «não é senão pelas tradições sobre Salomão e sobre

o seu templo, ás quaes se prende a instituição mesma da ordem, que se podem explicar os symbolos religiosos da maçonaria ». Isto apezar das restricções immediatas e mau grado a erronea orientação a que se entregaria, ainda por ahi enveredando.

As relacionações extrahidas do momento basilar do Templo; do esquadro e do compasso para com a cruz, e outros cotejos congeneres a nada conduzem, mesmo tomando á lettra as accusações, que ou são calumniosas ou comprehendem variedade de hereticos. Entretanto o auctor das *Memorias historicas sobre os templarios*, referidas a Munter (1805), após o debate da hypothese das analogias franc-maçonicas aventada por Nicolai, não encontra antes do anno de 1610, nem na historia, nem em monumento algum, vestigio certo da existencia dos franc-maçons, appoiando-se para o asserto na memoria allemã do Anno 12. No seu parecer, a epocha em que se formou a maçonaria é a mesma em que os jesuitas mal apenas acabavam de ser constituídos; e, entre as primeiras sociedades de franc-maçons, a fé catholica fôra um titulo d'exclusão, ou, em alguma maneira, de excommunhão. « Assim (escreve), se bem que, de ha longo tempo, a Maçonaria haja absolutamente mudado de plano, de fim e de fórma, e não offereça hoje em dia senão reuniões de beneficencia e prazeres innocentes, todavia ella parece, á sua nascença, haver sido destinada a sustentar e a assegurar a Reforma, como o jesuitismo fôra creado para a combater em publico e para minal-a surdamente.»

Haveria sido jámais inteiramente assim ?

N. A acção das sociedades secretas no lento desenvolvimento historico não tem sido sufficientemente balanceada pelos historiadores; e dos nossos modernos latinos só em Louis Blanc se nota a preocupação d'esse influxo pelo que concerne á Revolução franceza; é incontestavel a sua capital importancia na crise nacionalista e constitucionalista das duas peninsulas, italiana e iberica, e o romancista hespanhol Perez Galdós dedicou a *El Grande Oriente* um de seus *Episodios Nacionales*, que maldosamente se hajam equiparado com os romances patrioticos de Erckmann-Chatrian, quando (nitida e fundamente o observou Morel-Fatio, no preambulo da versão franceza de *Misericordia*) melhor e mórmente o parallelismo se move para com Balzac, em os contos politicos e militares, como *Les chouans*. Na França moderna aos mesmos semi-reaccionarios não tem escapado a notula da preponderancia esoterica do maçonismo, conforme o mostram a brochura de Georges Goyau e o volume, mais relevado, de Paul Copin-Albancelli sobre a *Franc-maçonaria e a questão religiosa*; porém, por sem duvida, a intuição mais engenhosa é, nos seus estudos sobre a franc-maçonaria contemporanea, a assimilação que dá a approximação do titulo marcando-a qual o «Club dos Jacobinos sob a terceira republica.» Sob: é precioso.

Para penetrar no amago da instituição, descobrindo-lhe a essencia de seu espirito, e descortinando-lhe quiçá suas origens historicas, parece-me que não desquadraria applicar ao problema, considerando-o como

structivamente religioso, aquelle criterio reivindicado por Émile Burnouf na sua notabilissima obra, se um tanto paradoxal á força da vehemencia da convicção. Fallo da *Sciencia das religiões*, e alludo ao parallelismo do dogma e dos ritos, dando-se a estes a immensa importancia elucidativa que lhes cabe, segundo o principio, tambem por Burnouf posto, de que tanto mais o acto religioso differe por sua natureza da união espiritual do deus e do seu adorador, tanto mais esse acto é symbolico: assim a chamma do cirio sobre o altar christão é mais symbolica do que o hymno cantado na Egreja; o hymno é mais symbolico do que a oração mental, residindo no coração de cada um dos adoradores de per si, e pela qual esse adorador communica face a face, de pessoa para pessoa, com o seu deus.

Mas, se nós enxergarmos agora, n'este horizonte, a symbolica cultual da franc-maçonaria, não poderá deixar de impressionar-nos o facto de que toda a vida moral das «lojas» se passa sob a disciplina da reminiscencia hebraica, até á seriação chronologica da existencia psychica alli, regulada pelo calendario judaico. E, se do rito ascendermos ao dogma, então encontrarmos-nos-hemos com os dogmas puros da doutrina israelita, como um Weill os formularia, pois que toda a conciliação se opera entre os homens no exclusivismo da crença em Deus, da crença na immortalidade da alma, na providencia, na sancção, na remuneração; toda a dogmatica complicada das orthodoxias positivas é proscripta; o espirito humano emancipa-se de egrejas con-

*Note*  
cretas, elle se subordina a uma unidade universal interior. Este caracter de autonomia subjectiva fri-sou-o nos seus personagens maçonicos o conde Leão Tolstoi, em o seu maravilhoso romance de *Guerra e paz*, cujas peripecias se desenrolam com a invasão napoleonica na Russia. E o deismo independente, o indifferentismo theologico, o espiritalismo racionalista condizem, estruturalmente, com o judaismo, no que elle tenha de basilar e fundamental. São, por que o digamos, a sua face moderna ; a sua transcendente inferioridade metaphysica dimana d'este « materialismo espiritalista ».

De geito assim começa a distinguir-se um dos processos systematicos por meio dos quaes o judaismo se infiltrou na sociedade revolucionaria que rompeu os moldes das velhas sociedades, sem embargo da resistencia que lhe oppunha a necessitada resistencia, oriunda da sua mesma imprescindivel combatividade. Com effeito, consoante o fixa o dr. L. Philippson, em seu indiciador estudo sobre *O desenvolvimento da idéa religiosa no judaismo, no christianismo e no islamismo*, o judaismo devia ter, preliminarmente, « um caracter essencialmente *oppositor* ; opposto de começo a tudo quanto o de que triumphou, opposto a tudo quanto o de que fez justiça o tempo. » Ora, o dr. Philippson não confoge das consequencias, antes professa por este theor patente e corrente : « Cumpria que o principio d'antagonismo que o Judaismo encerrava fizesse erupção e viesse actuar sobre o mundo. Conquistar o mundo, subjugal-o, tal deveu ser a sua tendencia na-

tural, immediata, qualquer que fôsse, por demais, o resultado de seus esforços. Esse fôra, de resto, sempre o pensamento do Judaismo, que, já no Prophetismo, proclamara o elemento espiritual do Mosaismo como a religião do futuro, e a historia mostra-nos a coisa como consummada. Toda a gente sabe que o Christianismo sahiu do Judaismo, que dos dois deriva a religião de Mahomet. A idéa do Judaismo, ou antes o seu elemento espiritual, procurou preliminarmente abrir um caminho em todo o dominio da humanidade. D'ahi, uma dupla conclusão: primeiramente, o que pertencia ao seu estado individual, devia-o guardar para elle, não podia transmittil-o á humanidade em geral; em segundo lugar, o mundo não podia receber do Judaismo senão o elemento necessario para o tempo de então, e devia, segundo as circumstancias dadas, desenvolvê-lo d'uma maneira independente do judaismo. O Judaismo, portanto, além do que lhe era especifico, conservou para o futuro uma parte importante da sua essencia, e não transmittiu senão a outra. A sua acção sobre o mundo não foi completa então, e não o é ainda hoje; d'outra maneira, elle já não teria razão de ser.»

O dr. Philippson accentua, consoante se viu, a acção reductora, monotheisante, do judaismo na sociabilidade geral, atravez, sem embargo e pela acção das suas correntes derivadas; o dr., como sua fé, mantém-se, pois, na zona estrictamente religiosa. Mas as consequencias sociaes d'esta unificação da crença subjectiva estão, naturalmente, n'ella mesma comprehendidas;

N. 11  
são a egualdade politica, a tendencia á egualdade economica, a tolerancia religiosa e a concomitante suavisação dos costumes. Philippson o não occulta.

E, com effeito, essa é uma questão de philosophia que tem sido debatida pelos publicistas. Está em que notamos que, de ha muitos seculos a esta parte, as condições se egualisam, e concomitantemente descobrimos que os costumes abrandam. Estas duas coisas serão, tão só, contemporaneas ou existirá entre ellas algum laço secreto, de maneira tal que uma não possa avançar sem fazer seguir a outra?

Estudando, á data, por todos os aspectos, em seu livro classico, a democracia na America, Alexis de Tocqueville, que faz a pergunta, responde que ha muitissimas causas que podem concorrer para tornar menos rudes os costumes d'um determinado povo; mas especifica que, d'entre todas essas causas, a mais poderosa lhe parece ser a egualdade das condições. Não discutamos; e registremos que, portanto, a egualdade das condições e a suavisação dos costumes não são, tão só, a seus olhos, acontecimentos contemporaneos, porém ainda factos correlativos. Quando as posições sejam quasi eguaes n'um povo, tendo os homens, pouco mais ou menos, a mesma maneira de pensar e de sentir, cada um d'entre elles póde julgar n'um só momento das sensações de todos os outros: deita um relance rapido sobre si-proprio; isto lhe basta. Não ha, pois, miserias que elle não conceba sem agrura e das quaes um instincto secreto lhe não descubra a extensão. Debalde se tractará de estrangeiros ou de inimigos: a

imaginação immediatamente põe as coisas no seu lugar. Ella mescla assim o quer que seja de pessoal á sua compaixão, e ao homem fal-o soffrer, a elle mesmo, de par e passo que estejam dilacerando o corpo do seu similhante.

N'esta fluencia de considerações, em excesso optimistas, pondera Alexis de Tocqueville que nos seculos democraticos raramente os homens se dedicam uns pelos outros; mas mostram uma compaixão geral para todos os membros da especie humana. É espectáculo que se não veja então o de inflingirem males inuteis, e quando, sem se prejudicarem assás a elles proprios, podem alliviar as dôres d'outrem, sentem prazer em fazel-o; não são desinteressados, mas são benignos.

Sabe-se que seu conceito da democracia a reportou Tocqueville dos Estados-Unidos da America do Norte, taes quaes os vira; elle remata com asseverar que, posto que os americanes hajam, por assim dizer, reduzido o egoismo em theoria social e philosophica, nem por isso deixam de mostrar-se bastantemente accessiveis á compaixão.

Mas, sendo assim (quando o é), não cumprirá contar com o factor do conceito religioso unitarista, que entre elles, a dentro do christianismo mesmo, taes progressos realisou? Parece indical-o a sympathia compadecida dos americanos para com os judeus actualmente victimas da revivescencia das perseguições no movimento anti-semita. Convirá fixar antecedentes.

Em 1843 Bruno Bauer publicou uma brochura in-

titulada *A questão judaica*, e um artigo *Sobre a faculdade dos judeus e dos christãos de hoje em dia de se tornarem livres*. Ácerca d'esses dois escriptos appareceu em 1844, nos «Annaes germano-francezes» (revista mensal dirigida por elle e por Arnold Ruge) uma critica de Karl Marx, a qual Hermann Ewerbeck qualifica de importantissima.

Na primeira d'essas analyses, Karl Marx increpa Bruno Bauer por commetter o erro de criticar tão só o Estado christão e não o Estado em geral. Segundo Karl Marx, a questão judaica muda d'aspecto e de theor consqante seja o Estado que o judeu habita. Assim, na Allemanha, onde não havia á data Estado politico, Estado como Estado, a questão judaica era uma questão puramente theologica. Já na França, Estado constitucional, a questão judaica tornara-se uma questão de constitucionalismo, mantendo, não obstante, a apparencia d'um contraste religioso ou theologico.

A parecer de Karl Marx, era tão só nos Estados Unidos da America do Norte, em uma parte d'elles pelo menos, que a questão judaica se desembaraçara da sua significação theologica; ahi mergulhara suas raizes plenamente no elemento mundano. Registrando que, apesar dos pezares, a America septentrional era o verdadeiro paiz da religiosidade e appellando, a prol da confirmação de seus dizeres, para o testemunho auctorisado, entre outros, de Tocqueville, Karl Marx destacava em fóco as palavras do camarada d'aquelle, aproveitando de G. de Beaumont o seguinte, quando o dissera: «Não existe nos Estados-Unidos nem religião

do Estado, nem religião declarada como sendo a da maioria dos cidadãos, nem proeminencia de qualquer culto sobre outro; o Estado é extranho a todos elles.»

Com as superstições religiosas casam-se, na velha Europa central e oriental, hoje como no seculo xvii em Portugal e Hespanha, rancores varios, de diversa procedencia; e, na segunda das suas analyses dos trabalhos de Bruno Bauer, Karl Marx frisa o caracter typico do judeu e do judaismo, sob sibilo knutico de acre conceito. A laminada stria do couro flagellante açouta toda a sociedade actual, não residindo restrictamente o defeito no Pentateuco ou no Talmud. «Quando a sociedade (remata Karl Marx) houver conseguido apagar a essencia empirica do judaismo, isto é o trafico e suas bases, então o judeu tornar-se-ha impossivel, porque a sua consciencia já não terá objecto, pois que o fundamento subjectivo do judaismo — a necessidade pratica — se haverá humanizado; visto como, finalmente, o conflicto terá cessado entre a existencia individual e a existencia generica, ou geral, ou social.»

Mas, emquanto esse tempo uechronico não chega n'esse logar utopico, vá-se dizendo que Karl Marx, em sua acrimonia universalista, se roça pelo azedume edulcorado d'aquelles semi-reaccionarios que, como o moderno Maurice Muret, andem á cata do « espirito judeu. » E, polarmente antagonico, no excesso opposto resvalando, nos doutrinara o dr. Philippson. Mas note-se que, fragmentariamente, elle tem razão, ainda no desvairamento nobre do rapto entusiasta; sómente, esquece

largo momento o caracter pratico, positivo, temporal da idealidade judaica. Weill viria a exhibir em face da espiritualidade mystica a racionalidade hebraica; em face da crença religionaria a demonstração israelita. O christão seria o homem da inspiração da fé; o judeu o homem da auctoridade da razão. Tudo isto, em absoluto, é mais que muito contestavel, é inexacto; mas, na relatividade adequada, tudo isto é verdadeiro. Philippson esquece-o por vasto lapso; para Jesus contra Judá Wronski reivindicaria a prevalencia, caracteristica, da razão.

De Philippson fôra alta e bella sua linguagem: «Aqui está o verdadeiro caracter da historia do judaismo e particularmente da historia do povo judeu, da raça judaica: *a lucta da idéa com a realidade*. A raça judaica, como depositaria do judaismo, tinha primeiramente a luctar com ella mesma, afim de se preparar para a sua missão; mas em seguida a luctar com o mundo, que não queria reconhecer essa missão e não podia soffrer em maneira alguma o estado de antagonismo em que ella se mantinha contra elle. Mas era precisamente essa lucta quem a devia sustentar, porpezada que fôsse a tarefa que lhe impunha. Sob este ponto-de-vista, a historia do povo judeu toma um aspecto bem differente do que tem sido até esse relance assim. Os olhares não haviam convergido senão sobre os ferimentos e os golpes que esse povo recebeu n'essa lucta, sobre o sangue espalhado, sobre as fogueiras para elle accesas. Por outro lado, não se via senão os erros e as culpas de que não podia defender-se sob a

pressão do mundo inteiro. D'óra em deante essa historia parecerá inteiramente outra, isto é, parecerá a mais gloriosa, *a mais heroica da humanidade*. O povo judeu sustentou a lucta da idéa religiosa contra a realidade; é por essa idéa que elle soffreu, que elle combateu. Cada gotta de sangue foi uma victoria, cada fogueira um archote triumphal. A mais infima das raças humanas defrontou a todo o universo com a idéa, por causa da idéa, em prol da idéa, e não fraguejou um só instante! Ha acaso no mundo espectáculo mais maravilhoso, mais sublime!!!»

Mas, no seu orgulho excludor, por um só instante se olvidara o dr. Philippson. Visto como, a dentro da acção religiosa da sua raça (não unica na faina aliás), elle em anterior ensino mais de uma vez basilamente o consignou. Não esquecido estivera então (como não Weill, em sua discriminada exposição do sexto dogma) do character *revelado* de suas verdades. Todavia o mosaismo é certo que quer ellas sejam *comprehendidas* pela intelligencia do homem.

Grifando-o, Philippson, como examine a moral social do mosaismo, professa que o respeito da dignidade humana constitue um elemento essencial do direito mosaico; era por isso (referindo-se a Frankel, em sua *Demonstração judiciaria segundo o direito talmudico-mosaico*) que o corpo d'um enforcado não devia passar a noite dependurado no patibulo. Quanto á *caridade*, o mosaismo considera-a como o *direito dos pobres*. E, observando de mais perto a *sociedade civil do mosaismo*, o prelector citado mostra que a sua

trama é a egualdade perfeita de todos os membros do paiz. Esta egualdade civil demonstra-se pela *egualdade do direito*, pela *liberdade pessoal de todos os membros da nação*, mas sobretudo por que o mosaismo tende a chegar á *egualdade possivel da propriedade*. Constitucional, pois, «por sem duvida que as leis fundamentaes da sociedade mosaica tendem de preferencia para a constituição republicana», e, «quanto á fórma do governo, a tendencia natural do Mosaismo foi para a forma republicana.»

Se no microcosmo politico portuguez attentamos agora, perceberemos então o aprumo audacioso das theses do christão-novo Francisco Velasco de Gouvea, lançando sobranceiramente as bases do direito civil e politico, democratico e revolucionario, do Portugal restaurado. «Que o Reyno de Portugal tem legitimo poder para acclamar Rey a quem tiver legitimo direito para o ser, e privar o que o não tiver e for intruzo, *sem ser necessario authoridade ou sentença do summo Pontifice* nem de outra pessoa alguma; Que o poder Regio dos Reys está nos Povos e Republicas, e dellas o receberam immediatamente; Que, ainda que os povos transferissem o poder nos Reys, lhes ficou habitualmente, e o podem reassumir quando lhes for necessario para sua conservação; Que podem os Reynos e povos privar aos Reys intruzos e tyrannos, negando-lhes a obediencia, submettendo-se a quem tiver legitimo direito de reynar n'elles; Que os Reynos, *posto que sejam Catholicos*, não tem regularmente, senão só em certos casos, dependencia do

*summo pontifice* para privarem os Reys tyrannos, e intruzos e acclamarem aos que forem legitimos.»

Não se illudiu ao deante (como mais tarde em Pom-  
bal — transviado pelo rancor e pelo interesse, pela dou-  
trina abstracta e pela orientação politica elle — se illu-  
diu) o faro do cavalleiro da Ordem de Sant-Iago,  
«otro tiempo Cathedratico Primero de Codigo en la  
Vniversidade de Salamanca». Don Nicolas Fernan-  
dez de Castro, no appendice ao seu *Portugal conven-*  
*xida* (sic), corrige-se e explica-se; dizendo:

En la epistola dedicatoria à Su Magestad fol. 10 dixè el  
eminente credito de letras que en el reyno de Portugal tiene  
Francisco Velasco Goveano Cathedratico jubilado de Prima en la  
Vniversidad de Coimbra, glossador, defensor, y propugnador del  
Cõciliabulo Bergãtista, elijido de su orden y despues aprobado  
por su orden. Debese sauer, que entre los penitenciados del Sancto  
Officio, de la Inquisicion que salieron en el publico auto de la fee,  
que se celebrò en Coimbra año de 1636, saliò este insigne Rabbi  
en cuerpo con su cãdela en la mano, y abjurò de vehementi cõ  
tanto dolor y verguenza de aquella escuela Catholicissima, que  
le privò luego de la Cathedra de Prima de Canones, que en ella  
regentaba. Y despues de muchas contiendas, pretendiendo el  
que no podia ser agravado ultra de lo que dezia la sentencia;  
y los Maestros, que no debiam manchar su gremio, ni la enseñan-  
za de la Iuventud com este opprobrio y contagio, por buena  
concordia le jubilaron. Estes son los emeritos estipendios, con  
que este coronado gladiator assentò la espada; de que haze men-  
cion en el titulo de su libro. De aqui conjeturarà el lector, que  
firmeza tendria en la fee este cathecumeno (dado que la abra-  
zasse con sano, mas que con limpio corazon) para disputar mate-  
rias prejudiciales à la Christiandad, de claraciones de propheçias,  
appariciones y collocuciones de Christo Crucificado; cuyo Mes-  
siazgo (quanto menos su passion sanctissima) avia tenido poco

antes en tan siniestro concepto. Reconozerà, quan poco fundado estaria este neophyto en las verdades catholicas, que assevera tan intrepidamente, como si las vuiera mamado en la leche: Y quanto primordio de verdad tengan (aunque se miren à la primera vista) los discursos, en que he dicho de sus proposiciones, que son erroneas, mal sonantes, *hereticas*, condenadas por los *Padres y Concilios* de la *Yglesia*. Y que es *Hebraica* toda su disputa, torsiendo y cortando los lugares; que nada dizen menos, que las ignorancias y *impiedades*, à que los estira.

Da influencia secreta do ensino de seus maiores, de estirpe infecta, no espirito dos seus coevos não encontrou menção bastante Fernandez de Castro para Antonio de Sousa de Macedo; mas, de longa data, o veneno do democratismo hebraico e do judaico cosmopolitismo serpeava nas veias lusitanas.

Cumpre não esquecer aquelle precioso indicio da propaganda em prol da fraternidade universal feita aos agermanados pelo israelitico *Encubierto* de Valencia; as reminiscencias d'essa crise são flagrantes nas trovas de Bandarra, como na allusão à « semente do rei Fernando »; mas convem não deixar fugir dos dedos ainda outro fragil fio, attinente a essas embryogenicas datas da crise do seculo xvi, que gravitam em torno do anno typico de 1520.

E é o tocante a mysterioso, mysteriosos personagens, um dos quaes portuguez ainda, ephemero christão-novo, judeu constante, até á abnegação do sacrificio, na abundancia da esperanza e na firmeza da convicção. De David Rubenita, Lemlein, e de Salomão Molco fallo.

No artigo *Bandarra* marca a situação Alvaro Rodrigues de Azevedo e dá-nos o thema a desenvolver.

: ... a D. Manoel succedeu o fanatico D. João III, e, com o reinado d'este, começou para elles (os christãos-novos) novo periodo de perseguição e exterminio, cujo agente e executôr foi o nefando tribunal da *Inquisição* ou *Santo Officio da Inquisição*, que, instituido no principio do século XIII por Innocencio III principalmente contra os albigenses, pouco a pouco se constituiu na Hespanha, onde os judeus fôram principaes victimas, e, a similhaça d'esta, passou a Portugal, inaugurando-se aqui por bulla de Clemente VII, expedida em 17 de dezembro de 1531, mas vindo sómente a ser estabelecido por outra de 23 de maio de 1536 e definitivamente confirmado por outra de 16 de julho de 1547, ambas de Paulo III, e todas impetradas por D. João III. A aversão aos christãos-novos era sentimento commum dos povos e do novo rei: aquelles, logo em 1525, o manifestaram nas côrtes de Torres Novas, accusando-os de que, sendo muitos d'elles médicos e boticários, propinavam venêno nos remédios aos christãos-velhos; D. João III, ao mesmo tempo, mandava secretamente investigar do procedêr dos mesmos christãos-novos; e estes, receiôsos de um e de outros, acolhiam com fervida crença, confôrme o inquisidôr hespanhol dr. Selaya ao mesmo soberano por carta noticiou, um judeu chegado do Oriente, que lhes annunciava a proxima vindá do messias, a libertação dos Hebreus e a restauração do reino de Judá:....

A noticia do missionario judeu vindo do Oriente exara o dr. Azevedo que a houvera do tomo I da *Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*, de Alexandre Herculano. No capitulo III d'esse tomo, Herculano aprêcia o proceder do inquisidor de Badajoz.

A carta de Selaya a D. João III é um monumento curioso;

porque, melhor, talvez, que nenhum, pinta ao vivo as idéas dos inquisidores d'aquella epocha. Não temos motivos para reputar Selaya um hypocrita, e por isso devemos suppô-lo fanatico sincero. Depois de narrar como a sua auctoridade fora vilipendiada e de pedir desagravo, o inquisidor de Badajoz entra em considerações geraes sobre o dever que tinha o rei de Portugal de perseguir os pseudo-christãos, imitando o exemplo de Castella. Fazendo-se cargo do facto da conversão violenta, que os judeus invocavam em seu abono para continuarem a seguir as antigas crenças, Selaya declarava esta razão futil; primeiramente, porque não se podia dizer violentado quem, embora á força, tinha recebido um beneficio tamanho como era o do baptismo; secundariamente, porque essa violencia não fora absoluta, mas só condicional, visto que aos conversos ficara sempre livre o alvedrio de se deixarem matar antes de acceitarem o baptismo, imitando a fortaleza dos Macchabeus. A estes absurdos o inquisidor acrescentava outros ainda mais singulares. Relatava como dous ou tres annos antes apparecera em Portugal um judeu do oriente, que annunciava a proxima vinda do Messias, a liberdade dos israelitas e a restauração do reino de Judá. Asseverava que este homem astuto, não só retivera no erro os que n'elle se conservavam, mas tambem reduzira outra vez ao judaismo innumeraveis christãos-novos, assim de Portugal como de Castella. D'este facto concluia Selaya que, ainda admittindo a legitimidade da religião de Moysés, esse homem e os seus sectarios eram herejes em relação ao judaismo, visto que davam novas interpretações ao Velho Testamento, contra a opinião dos karaitas, unica seita orthodoxa que entendia a Biblia ao pé da letra. O bom do inquisidor, nos termos d'este dilemma, via sempre a necessidade de perseguir os judeus. Para elle era indifferente queimá-los em nome da orthodoxia judaica ou em nome da orthodoxia christan. Em ambos os casos o resultado era o exterminio.

Citado tambem por A. A. Azevedo é o dr. Theophilo Braga; e d'este, em o vol. II de *O povo portuguez nos*

*seus costumes, crenças e tradições*, corre transcrever a impressiva passagem que nos diz ao caso.

Um facto extraordinario se deu no primeiro quartel do seculo XVI para o enthusiasmo da propaganda das propheticas messianicas, . . . ; em 1525 aportou a Portugal com o apparato de um principe-judeu David Reubeni, que se dava por irmão do rei da Ethiopia, e andava pelo mundo para conciliar todos os judeus dispersos para irem restaurar a terra da Promissão e a Casa Santa de Jerusalem. Dava-se como embaixador dos setenta anciãos do territorio de Haber; e foi admittido por D. João III na côrte de Almeirim.

Al. Bonneau funda-se em Basnage, em Bartolucci, em Wolf e em Beugnot, e de David Rubeni, chamado outrosim David Leimlein (a quem denomina de fanatico judeu) asserta que vivia no final do seculo quinze e na primeira metade do decimo-sexto. Prosegue :

Assegurava-se que se conservava frequentemente até seis dias durante sem tomar alimento algum. Vinha do Oriente, d'um paiz que elle dizia situado para lá da Tartaria. Annunciava a chegada do Messias para o anno de 1500, e em 1499 não se arreceou de sustentar ainda a realidade da sua propheticia; pretendia haver recebido a missão de conduzir os judeus para o paiz de seus paes, e tomava, em consequencia, o titulo de *chefe do exercito de Israel*. Os judeus, arrastados por seus discursos, abandonavam todos seus affazeres, e preparavam-se para reentrar na Terra Santa, quando David na obriga se viu de declarar que Deus, irritado pelos peccados d'elles, havia retardado o cumprimento de sua promessa. Os israelitas d'uma parte da Europa buscaram então amainar a colera do Senhor por um jejum solemne, e David continuou sua propaganda. O papa Clemente VII, que favorecia muitissimo os israelitas, aco-

Iheu com distincção David Rubeni, que, tendo ido seguidamente a Lisboa, conseguiu reconduzir ao judaismo Salomão Malcho, o qual se fizera christão e exercia as funcções de secretario do rei de Portugal. Salomão tornou-se habil como orador e como escriptor, e foi de grandissima ajuda para David. Encontravam-se os dois em Mantua a quando da passagem de Carlos Quinto por essa cidade. Salomão, havendo tido a loucura de pedir uma audiencia ao imperador, para o converter ao judaismo, obteve-a, mas d'ella não sahiu senão para subir á fogueira. David foi preso ao mesmo tempo e enviado para a Hespanha, onde morreu ao cabo de alguns dias. A sua morte não desenganou os judeus, que longo tempo após ainda acreditavam que elle voltava todas as semanas, a visitar sua mulher, estabelecida em Italia.

Mas, na II de suas eruditissimas memorias ácerca da litteratura sagrada dos judeus portuguezes (concerentemente esta ao seculo XVI) Antonio Ribeiro dos Santos informara-nos, com respeito ao seduzido por David Rubenita, por este theor, que firmara, além de Wolf, em D. Ganz, em Jehudah Leão, em Hermann von der Hardt e no R. Manassés na obra da *Esperança de Israel*:

R. Salomão Malcho ou Malco : nos tempos do senhor rei D. Manuel mudou de religião em tenra idade e se fez christão ; e depois foi um dos officiaes da secretaria d'el-rei. Andando o tempo, voltou ao judaismo, por persuassão de R. David Ruben, celebre judeu que do Oriente viera á Italia e fôra bemquisto do papa Clemente VII, e depois se passara a Portugal. Com elle foi Malcho para a Italia, aonde se deu inteiramente aos estudos do Talmud e fez n'elle taes progressos que foi mestre nas escholas dos judeus de Mantua e de outras partes de Italia, no mesmo pontificado de Clemente VII. Era tam ardente zelador

do judaismo que entrou em pensamentos de converter o papa, Francisco I e o imperador Carlos V. Este ultimo offendeu-se de sua temeridade e barbaramente o mandou queimar em Mantua; pelo que os judeus o houveram por martyr, por haver seguido, como elles dizem, o *dogma da unidade de Deus*. Havia assignalado a epocha da vinda do Messias em o anno de 1666, e tanto crêram os judeus na sua prophecia que n'esse mesmo anno se prepararam para receber o Messias com uma grande penitencia, qual nunca outra fôra vista entre elles, como attesta R. Jehudá Leão e refere Hermano Vonder Hardt.

Dá conta Ribeiro dos Santos do tomo cabbalístico que, a par dos *Sermões*, Salomão Malcho escreveu: *Livro sobre a visão de dous animaes*, e faz-nos scientes de que n'elle expõe seu auctor varias visões, que conta tivera em sonhos, «dirigidas a denotar a destruição dos christãos e a proxima liberdade e salvação dos judeus.» Não nos diz, comtudo, o nôme christão e portuguez d'este intitulado official da secretaria de el-rei.

É informe que modernissimamente nos presta Elkan N. Adler, no seu excellente estudo (*Auto de fé and Jew*), inserto em *The Jewish Quarterly Review*, devida ao zelo de J. Abrahams e C. G. Montefiore, quando retoma aquella interpretação do problema de Reubeni que lêra, em breve memoria idonea, perante o Congresso dos Orientalistas, em Hamburgo no Setembro de 1902. O discipulo de David *was a Portuguese Maranno and Royal Secretary, Diogo Pires, who, after his conversion to Judaism, called himself Solomon Malcho.*

Mas esse mestre ?

Lêmos em uma carta de Março 14, 1524, dirigida de Roma pelo embaixador veneziano Marco Foscarelli, á « Senhoria », que « viera um embaixador ao papa da parte dos judeus da India, offerecendo-lhe 300.000 combatentes contra o Turco, e pedindo artilheria. » O embaixador era o famoso David Reubeni, que a sua missão se deitou em 1522, e seus mandantes parece terem sido os judeus brancos de Cranganor.

A estes judeus que em 1524 os mahometanos, atacando Cranganor, d'alli expelliram e que encontraram um refugio em Cochim, não os acha bem bem brancos G.-B. Depping, *plutôt très-basanés*, e, pela citação de Grégoire, reporta-se de Pereira de Paiva (*Noticia dos judeus de Cochim*, Amsterdam, 1646); mas, brancos extremes ou não, seu plano haveria sido de alcance, no envio de seu delegado. Porquanto :

A missão de Reubeni consistia em persuadir o papa, como a Cabeça do Oriente e Summo Senhor dos portuguezes, que era interesse d'elles estarem em boa amizade com os judeus e d'ess'arte segurarem sua ajuda no afan de arrancar o trafico da India da mão dos turcos.

Adler consigna que a fórmula usual que esta romanesca historia assume é de que um homem (chamado por aquelle nôme de David Reubeni) a si-mesmo se proclamara como um mensageiro do Preste João, subitamente apparecendo em Roma ; e registra que pres-tes tudo isso viera a parecer demasiado inverosimil, após a expulsão dos judeus de Hespanha e Portugal, em geito que assás historiadores (Basnage por exemplo) consideraram o conjuncto do relato como nada

mais do que mytho sendo, mytho que brotara das aspirações messianicas d'um povo imaginativo e credulo. Refere como Graetz projectou nova luz sobre o assumpto. Graetz era incapaz de negar a existencia d'um homem que a si-mesmo se chamava David Reubeni, pois bem conhecia certo manuscripto exhibindo-se como o diario de suas viagens de 1522-5. Este manuscripto foi elaborado em 1527 e no principio o auctor mostra como seu irmão era rei em tal paiz d'onde elle David viera á Europa por via tal, e em navio via Suakim á Abyssinia e Egypto; n'aquelles nômes Adler pensa que elle bem poderia entender Cranganor e Djeddah; de passo cuida que o professor Schechter topou com um largo fragmento de outro mss. do Diario de Reubeni no Cairo Geniza, da arabica porção do Cairo Genizah occupando-se (em referencia a fasciculo anterior) n'essa caderneta o professor, de Budapest, I. Goldziher.

Mas ademais Graetz (afóra as auctoridades extranhas com que para o caso deparou em 1528 e 1531) fixou relance sobre as referencias oriundas de judeus coevos, quaes Farisol, em seu *Itinera Mundi*, e R. Joseph b. Joshua Hasefardi em suas «Chronicas.»

Porém eu aqui contractamente me reduzo, á laia do que enxertei no começo do volume, ao nosso livro já conhecido do *Emek Habkha*, desde que «no vigesimo-quarto dia do mez de fevereiro do anno 5290, é o anno 1530, o papa Clemente pousou a corôa imperial sobre a fronte de Carlos-Quinto d'Austria», cujo almirante André Doria «entrou em campanha contra as cidades turcas em 1532.»

Por esse tempo um judeu, chamado David, chegou de paizes remotos, da India, á cõrte de Portugal e disse ao rei : Eu sou hebreu e tenho o temor do Eterno, o Senhor dos céus ; meu irmão, o rei dos judeus, enviou-me até junto de ti, senhor e rei, para te pedir soccorro : ajuda-nos e nós iremos mover guerra a Solimão o Turco para lhe arrancar a Terra Santa. O rei lhe respondeu : Bemvindo sejas, eu vou remetter-te ao arcebispo, e o que elle disser eu o farei. David, após o haver deixado, residenciou durante alguns dias em Lisboa. Aquelles a quem haviam baptisado á força crêram nas<sup>a</sup> suas palavras e disseram : É o nosso salvador, o Senhor o enviou. E, apinhando-se em turba á volta d'elle, testemunharam-lhe uma grande veneração. Esse homem d'alli se foi para Hespanha e, como quer que os conversos por toda a parte lhe affluissem á passagem, em pedra d'escandalo se lhes volveu. Foi em seguida para França, dirigiu-se a Avignon e, partindo d'esta cidade, penetrou na Italia. Fez elle bandeiras de artistico lavôr onde inscreveu os sagrados nômes, e muita gente n'elle teve fé. Esse homem veio outrosim a Bolonha, a Ferrara e a Mantua, annunciou que, de ordem dos reis christãos, ia levar os judeus dos seus Estados para os reconduzir até onde seu paiz e sua residencia ; d'este designio fallou ao proprio papa e os judeus de tal se tomaram de grande susto : Mas que faremos nós, lhe disseram elles, de nossas mulheres aqui presentes, se partimos em tom de guerra, e das creanças que ellas deitaram á luz ? — Tantas e mais as ha no nosso paiz, lhes respondeu elle, nada temais, pois não ha obstaculos para o Eterno. Imaginou tambem uma carta e disse : Meu irmão o rei escreveu-m'a e sellou-a com o seu annel real. Mas veio um dia em que o seu segredo foi descoberto e então cessou-se de acreditar em suas palavras, pois prescrevera coisas iniquas.

\* Surgiu um rebento de Portugal, chamado Salomão Molcho, do tronco dos israelitas que viviam dispersos n'aquelle paiz desde os dias da perseguição. Moço ainda, era um dos secretarios do rei ; todavia, quando viu esse David, Deus tocou-lhe o

coração, elle voltou ao Eterno, o Deus de nossos paes, e fez-se circumcidado.

Nada sabia então ainda da lei do Senhor nem da Escriptura santa, mas após sua circuncisão o Senhor deu-lhe a sabedoria de Salomão : tornou-se assim em pouquissimo tempo o mais sabio dos homens e muitos o admiraram. Foi seguidamente para Italia, teve a coragem de discorrer sobre a lei do nosso Deus perante os reis e não se desviou da frente d'elles. Foi á Turquia, voltou a Roma e entreteve discurso com o papa Clemente, que lhe concedeu seu favor contra o grado de todos os seus theologos e lhe outhorgou a permissão, escripta e sellada com seu nôme, de se estabelecer onde lhe aprouvesse e de usar do nôme de judeu. Instruiu-se na Cabbala, da sua bôcca sahiam palavras graciosas, pois que o espirito do Senhor por ella se exprimia e a palavra divina sobre sua lingua se encontrava constantemente. Havia elle haurido nas fontes profundas da Cabbala palavras maravilhosas, que sobre tabulas notou e enviou a seus amigos de Salonica, que as fizeram imprimir. Prégou publicamente em Bolonha e em outras cidades, multidão de pessoas se açodaram em seu torno para ouvir seu saber e experimental-o por meio de enigmas (I. *Reis*, 10,1), mas Salomão resolveu todas suas questões e, como não havia coisa que elle ignorasse ou não podesse explicar-lhes, ellas reconheceram sua sciencia e disseram : O que de ti nos contaram é verdade e a tua sabedoria por em muito ultrapassa o que d'ella haviamos ouvido (II. *Chron.*, 9, 16.). Um grande numero de pessoas, na verdade, se embaraçaram em inveja a seu respeito, mas sem poderem imputar-lhe mal na Italia, pois elle estava no favôr dos principes. Ligou-se com David Réubéni e desde então não fôram os dois mais do que um só. Informou outrosim os sabios das visões que havia tido, como eu o referi na minha Chronica dos reis de França e dos sultões othomanos, onde se encontrarão igualmente amplas minucias sobre as suas origens, suas desgraças e suas aventuras, bem como suas apreciações ácerca de David, n'este theor concebidas : « Havendo sabido que o illustre David tinha chegado á Italia e que as pessoas más do nosso povo ti-

nham também sobre elle entornado a taça da calumnia, havia-me proposto a mim proprio, quando o visse, de lhe pedir que me ensinasse sua sabedoria, mas foi o contrario que se deu, porquanto foi elle que me dirigiu questões. Não creio, pois, do caso senão uma coisa unica, e é que elle é um grande sabio, e que, se elle se diz pouco versado na sciencia e na lei, é simplesmente para illudir o vulgo, e ainda para vêr como eu me comportarei com elle, mas sendo tal seu intento, constantemente para com elle eu me conservo como um servo em presença de seu amo. »

Estas são as palavras de David na sua carta, tal qual o referi na Chronica. Mais tarde Salomão quiz ter uma controversia com o imperador sobre as coisas da fé, poz-se a caminho para Ratisbonne, no lance em que o imperador se encontrava n'essa cidade, e abi teve com effeito uma conversação com elle mas o imperador conservou-se firme, não o escutou, e, impaciente, mandou-o atirar, com o seu amigo o senhor David e seus famulos, a uma prisão onde permaneceram muitissimos dias. Havendo o imperador repartido então para a Italia, transportaram-os, em seu sequito, carregados de ferros, n'uma carreta até Mantua, onde logo os encerraram em uma masmorra, depois do que, após uma conferencia que o imperador teve com os doutores, na qual estes acharam que Salomão havia merecido a morte, deu ordem para que o tirassem da prisão e o queimassem. Certa manhã, pois, amordaçaram a Salomão e levaram-o ao logar do supplicio. Toda a cidade estava em effervescencia por causa d'elle, e já a fogueira ardia em chammas quando um dos officiaes do imperador mandou que dos dentes lhe tirassem a mordaca, pois tinha que lhe fallar da parte do soberano.

Obedeceram. O imperador, disse elle então, envia-me até junto a ti, senhor Salomão, para te fazer saber que, se tu regressares de teu caminho, dar-te-ha perdão, que conservarás a vida e ficarás em sua companhia; mas que, se recusas, tua sorte está irrevogavelmente pronunciada. Salomão nem se levantou nem se mecheu e redarguiu, como um santo e como

um anjo de Deus: É tão só pelo tempo que vivi n'ess'outra religião que meu coração está triste e abatido; agora fazei de mim o que vos aprouver e possa a minha alma volver á estancia de seu pae como em minha idade infantil, pois era eu então mais feliz do que ao presente o sou. Então, transportados de furia, os algozes arremeçaram-o sobre a fogueira, sob que crepitava a chamma, e offereceram-o ao Senhor em um holocausto que se exhalou inteiramente em fumo. E o Senhor agradavel lhe achou o perfume e recebeu a alma pura de Salomão no jardim do seu Eden, onde para todo o tempo sua pupilla ella foi e sua deleitação (*Prov.*, 8, 30). Seus servos fôram soltos e puderam livremente irem-se d'alli; em masmorra não quedou senão o senhor David Réubéni, seu amigo, junto ao qual puzeram guardiões. Quando o imperador regressou á Hespanha, trouxe com elle a David, conservou-o encarcerado e David morreu em sua detenção. Queimaram seguidamente um grande numero dos conversos de Hespanha por causa d'este David e de seus sonhos. Muitas pessoas na Italia crêram por essa epocha que Rabbi Salomão Molkho, soccorrendo-se de sua sciencia, das mãos d'aquelles que mal lhe queriam á vida se subtrahira e que em suas carnes o fogo não tivera poder. Houve mesmo um homem que jurou, perante a communiidade reunida, que Salomão lhe havia estado em casa oito dias após seu supplicio e seguidamente se retirara, e que elle não o havia tornado a vêr depois. Deus o Eterno sabe o que d'isto é com effeito; mas a mim, quem me dará o poder escrever com verdade e integridade n'este livro se aquellas palavras eram ou não sinceras?

Ora, por Steinschneider, *Catalogus... Biblioth. Bodleianæ* (Oxford, 1860), s. v. « Salomo Molcho », depara-se menção que nos corresponde: *Historia David Reubeni et Sal. Molcho, hujusque « Epistola de visionibus, etc. mense Adar A. 1531 scripta (e Josef Kohen, cum Annot. suis. s. t. « Chajat Kané » Bestia arundinis edid. Abraham Rothenburg, ex Joseph*

*Jospa* (ff. 8), Amst., Uri Phöbus, s. a. (circa 1660-70), 4.º; no *Catalogue of the hebrew books in the library of the British Museum* (1867) estabelece-se para o extracto das *Chronicas* do sacerdote Joseph ben Joshua, interrogativamente, a data pouco mais affastada de 1658. E do trabalho de facilitação, com notas criticas (por S. D. Luzzatto) acompanhado, para o inedito de Letteris, em Vienna, desde 1852, n'um 16º nos brindaram. Mas das *Chronicas* do Rabbino Joseph ben Joshua uma traducção completa em 2 volumes se deveria a C. H. F. Bialloblotzky, constituindo uma das publicações do *Oriental Translation Fund of Great Britain and Ireland*. Cuido que para o nosso caso o resumo do *Emek-Habhka* vale pela passagem do *Cronicon regum Gallorum et regum domus Ottoman. Turcicorum usque ad 1553, insertis nonnullis ad historiam Judæorum spectantibus* do famoso Joseph ben Josua ha-Cohen, consoante o memora o mesmo Steinschneider (a p. 1499), que do hebraico, em suas duas partes para dois volumes, se trasladou, conforme ficou apontado, em Londres, 1825 - 36. É esta, de resto, a unica versão integral que até agora existe ainda, podendo o curioso, pelo que concerne ás traducções parciaes da obra, consultar o preambulo á versão franceza do *Emek Habkha*, por Julien Sée.

No capitulo XIII do seu excellente estudo, capitulo especificadamente intitulado *David Reubeni em Portugal*, o snr. Elkan N. Adler pondera que o lance do despacho remettido em 10 de Outubro de 1528, por Martin de Salina, enviado austriaco na Hespanha, ao

rei de Bohemia e Hungria, ácerca de certo judeu a quem fôra consentido o prégar em Portugal a favôr da religião de Moysés e contra a fé christã se póde perfeitamente referir a David Reubeni e tracta de explicar o inexplicavel favor de que este personagem gosou em côrtes tam catholicas quam intolerantes; menciona que Graetz cita uma carta do inquisidor de Badajoz ao rei, datada de 30 de Março de 1528, a qual tem sido considerada até aqui como a mais antiga auctoridade extranha com respeito a todo esse extravagante episodio Reubeni. E' a carta do dr. Selaya que Alexandre Herculano nos marca em G. 2. M-1, N.º 46.

Tambem Graetz cita uma carta de 11 de Junho de 1531, de Roma dirigida ao rei João (3.º) por Bras Neto, na qual o embaixador exara, em termos formaes, que a aversão do papa por conceder a bulla sancionando o estabelecimento da Inquisição em Portugal era devida á sua parcialidade « a favor do principe judaico vindo de Asia. » E igualmente a essa carta de Braz Neto a el-rei D. João III, de 11 de Junho de 1531, a marca Alexandre Herculano no Corpo Chronol., P. 1, M. 46, N.º 102, no Arch. Nac., documento em parte lacerado, a que falta a assignatura, mas que é original da letra de Brás Neto, e pelo qual o nosso historiador sabe que o cardeal Lourenço Pucci, uma das personagens mais influentes na curia, a quem o embaixador portuguez julgara conveniente communicar o negocio, mostrara grande repugnancia a contribuir para uma resolução favoravel.

## Communica :

Faley a Santiquatro nisto : acheyo um pouco aspero, e disse-me que isto parecyá que se ordenava pera proveyto, e aqwe-ryr as fazendas desta gente, como se dizia da de Castella.

Mas não é a David Rubenita que Alexandre Herculano attribue o que lhe reporta Graetz, o qual, áquelle tendo-o em pessima conta, como quer que seja, sempre admitte que ao favôr de que Reubeni gosava na côrte e no Vaticano fôra devida a relativa immuni- dade na perseguição dos judeus de Portugal (?) e a dilatoria no estabelecimento da Inquisição portugueza. As conjecturas benignas de Adler para com o rei e o imperador, as de Graetz para com estes e o papa pa- recem-me, todas, chimericas, pelo exaggero da suppo- sição. Quanto a Alexandre Herculano, elle investiga por outra senda; deixa o mestre para considerar o discipulo e, em vez de David Reubeni, falla-nos mas é de Salomão Molco. E firma-se precisamente n'essa carta de 11 de Junho de 1531 em que se basea, de sua banda, Graetz.

Vivia em Roma um hebreu portuguez chamado Diogo Pires, que fora escrivão dos ouvidores da casa da supplicação e que saíra de Portugal para a Turquia, a abjurar o baptismo que lhe havia sido imposto. Vindo a Roma, obtivera do papa um breve para que ninguem o incommodasse por tal motivo, e ali vivia com grande reputação de santidade entre os outros judeus, a quem costumava expôr as doutrinas mosaicas. Tinha Diogo Pires entrada com o papa e cardeaes, e o embaixador temia-se d'elle, não só pela sua influencia pessoal mas tambem porque os conversos de Portugal, com quem conservava relações de amizade, lhe poderiam enviar dinheiro para obstar ás pretensões

de D. João III por meio da corrupção, e Brás Neto suspeitava que algum sobrinho ou cubiculario de Pucci ou do proprio papa andava mettido n'isto.

D'este estadio de Salomão (Diogo) Molcho (Pires) pela Turquia houve quem duvidasse; houve quem dissesse que tudo derivara de equivocos e confusões, consoante desenvolvidamente o expoz Ganz, apontado por von der Hardt, cujas passagens (da dissertação *De abusu Psalmi CXIX apud Judæos*, 1714) se podem lêr transcriptas no tomo III (N.º MMIV, pag. 1054) da *Bibliotheca hebræa*, de Jo. Chr. Wolf. Ahi determinada-mente se diz de Molcho, após se nos referir onde foi que actuou e ensinou (França e Italia): «*Neque vero Turcia, quorsum illum venisse nulla sunt vestigia.*» O arguto rabbino empenha-se n'uma hermeneutica subtil, e no fito de mostrar que a Thessalonica de que falla Molcho não é Salonica, *in Macedonia superiori, et judæorum frequens cætus*. Porém, na verdade, como está, *hic non Turcia, sed urbs Gallie Argantomagum, cum apud Gallos egerit et Italos, non Turcos*. De modo que a designação «*hic non Thessalonica, sed in Gallis, Saloniac, in iisdem Pictonibus, haud longe ab Argantomago, Argenton.*» De facto, «*in Gallia vero tunc florere judæi.*» Mas a réplica final de Wolf, contra Hardt, patrono d'estas conjecturas, parece decisiva.

Por outro aspecto, a ida á Turquia seu nexo quiçá mostrasse para o entendimento das relações com David Reubeni. O snr. Adler asserta que a Graetz não o supponham falho de imaginação mas seu temperamento

é que surtia sceptico. David Reubeni não podia ser supprimido; elle era uma actualidade, que cumpria explicar. E assim Graetz, diffusamente sobre a evidencia interna do estylo hebraico do *Diario* de que soubemos, mas tambem (rezinga Adler) pela improbabilidade *a priori* de sua historia, condemnou-o como um impostor sendo, na Allemanha creado.

Neubauer em 1895 deu um passo mais adeante, quando affirmou (*Anedocta Oxoniensia*) «com certeza, que o estylo hebraico do Diario de David é o de um judeu allemão.» A' laia e a geito, bem que natural do Egypto e na ponta da lingua tendo o arabe como sua lingua materna, tal podia ter sido David, a quem Rieger e Vogelstein, na sua historia dos judeus de Roma, redondamente chamam um impostor arabe.

E' curioso que Bartolocci se propoz, no seu tempo, demonstrar falsa aquella embaixada, com que David Rubenita, de remotissimas regiões, até o rei de Portugal, dizem tivesse vindo, reputando-a como méra fabula, a qual, a seu juizo, nascera das cartas por David, rei da Ethiopia, no anno de 1532 a Clemente VII escriptas, nas quaes ao romano pontifice, assegurando homenagem, prestava obediencia, cartas que em latim estão em Paulo Jovio e em italiano sahiam a lume, em Bolonha, no anno de 1533, sob o titulo significativo: *L'Ambasciaria di David Re dell Etiopia al Sanctissimo S. N. Clemente VII*. Porém hoje em que é que, com Rieger e Vogelstein (que amplamente n'esse terreno se fundam), o snr. Adler se firma para o parecer que qualifica David Lemlein de

um impostor arabe haver sido? Em que se firma? Na sua ignorancia da Abyssinia, «a qual ficou exposta quando foi confrontado com um *soi-disant* enviado do rei real da Abyssinia.»

Muito a escape com a etiqueta franceza se desquita Adler do thema da embaixada e do embaixador, cujo nôme João de Barros e Diogo do Couto transcrevem por Zagazabo e de cujo companheiro na embaixada de obediencia (o padre Francisco Alvares) obra havia de proceder (*Verdadeira informaçam das terras do Preste Ioam*), para conhecer a acceitação da qual em toda a Europa, na occasião do seu apparecimento, basta attender ás muitas traducções — em hespanhol, em allemão, em francez e em italiano — cuja resenha menciona o nosso Innocencio, estando agora o texto portuguez facilitado por uma reedição *fac-simile*, graças ao zelo do director da Imprensa Nacional, dr. Venancio Deslandes. Outrosim, nos cabe fixar outra attenção que a prestada pelo dito Adler ao facto, adquirido dos papeis d'Estado venezianos, de que em 1589 (?) dom Antonio, um dos pretendentes ao throno, se alojasse no Collegio Apostolico ou dos Theatinos (Lisboa), escrevendo o embaixador veneziano que «elle recebeu muitas visitas de judeus portuguezes e outra baixa plebe.» Desde que por Apostolos e de Theatinos se chamava aos jesuitas, mercê, para a designação ultima, de motivos que são cuidadosamente analysados, no seu interessante livro ácerca da contrareforma catholica, pelo dr. Martinho Philippson. E, na inferencia franc-maçonica, convem não perder a

analogia do «avental» para com as «bandeiras de artistico labor com os sagrados nômes entretécidos», *pectoralis R. Schlomonis*, podendo ver-se nas laudas de Wolf a imagem dos vaticínios de Salomão Molcho, sob a hierarchisação das côres, na serie em sêdas, descendo, vermelha, branca, amarella, como o sangue, como a neve, como o açafião. Misero predestinado e triste disposto, *Mantuae captus ac virus combustus...*, an. 1540! De Menasse ben Israel o tome Wolf.

Das suas obras d'elle Molcho, quanto áquella que mais quadra ao estylo de nosso thema, alhures o mesmo Wolf expõe-nos que n'esse opusculo Salomão-Diogo passa em revista varias visões que se lhe offerceram em sonhos. Assim cotejadas que seu significado resultasse o exterminio dos christãos, de par e passo com a salvação e libertação para os judeus, nos adverte. No limiar da obra, narra-se a historia do «impostor» David Reubenita e a circumcisão do rabbi Salomão Malcho, pelo editor, «segundo julgo»; e do texto a Wolf parece consentaneo o transcrever algo pouco, que põe no hebraico e depois em latim, em summula. Eil-a: Salomão Malcho ou Molco (como alli se lhe chama), visto e ouvido David (Rubenita), tractou de se circumcidar; e, se bem que atélli da Lei e da Escriptura ignaro fôsse, subitamente tanta sapiência logrou que fazia geral assombro; retirara-se, porém, para a Turquia e d'ahi para Roma, onde tam grato se tornasse a Clemente que lhe concedeu licença, por apostolicas lettras em seu nome firmadas, de residir onde a elle lhe aprouvesse. O snr. Adler, de David

Rubenita refere que, após haver sido tractado com distincção na côrte portugueza por cerca de um anno, fôra repentinamente banido de Portugal. O navio em que ia naufragara na costa hespanhola e elle fôra preso pela Inquisição. Mas Carlos Quinto soltara-o e elle proseguira sua rota até ao papa em Avignon.

Por vario motivo, isto não está bem; mas, de resto, n'esta historia tudo é confuso, contradictorio e mysterioso. Uma mascara cobre o rosto dos personagens; não jogam as datas; tudo fluctua no vago, conjecturas e presumpções. Toda essa epocha se tolda de syncretica obscuridade. E cumpre não esquecer que de 1524 é o celeberrimo *Mirabilis Liber qui prophetias, revelationesque...*, de que a unica traducção sahiria em Paris em 1831, *Livre admirable renfermant des Prophéties, des Révélationes...*

Ao nosso Bandarra a Inquisição lhe fez processo em 1541; e em 1603 Dom João de Castro commentava-lhe, publicando-lh'as, as visões e vaticinios:

Antes que os oito se cerrem  
 D'esta era que aqui temos,  
 Mui grandes cousas veremos,  
 Que nunca vimos nem lêmos,  
 Ouvimos nem ouviremos.

Que era temos aqui? Dom João de Castro annota o embaraço de muitos escriptores, em especial mathematicos, e abona-sê, na sua graphia, com Ioam de Rhegio Monte, com Paulo Principe de la Escala e não pode deixar de não citar, assim escreve, Conrrado

Leouição, que proclama famoso Iudiçiarario; mas não espança a valer as obstinadas trevas:

Trinta dous annos e meio  
 Haverá signaes na terra:  
 A escriptura não erra,  
 Que assim faz o conto cheio.

Um dos tres que vem arreio  
 Demonstra grande perigo,  
 Haver açoute e castigo  
 A gente que não nomeio.

«Que gente ameaçada esta seja, cada hū o julgue comsigo», pondera, hesitante, aferindo, Dom João de Castro, entre o Francez, o Allemão e o Castelhana. Repiza, indeciso: «das quaes tres interpretações pode cada hū tomar, a que o mais fartar.» Mas fartará d'ellas alguma?

Já o tempo desejado  
 E' chegado:  
 Já se chegam os oitenta  
 Que se emmenta—  
 Por um Doutor já passado.

Quem seria este antigo doutor? «Este Doutor já passado (quanto a mim) he o Propheta Hieremias», volve a responder, como atéqui, na *Paraphrase*, Dom João de Castro.

E depois da embaixada  
 Declarada,  
 Agora que correm quarenta  
 Erguer-se-ha gran tormenta,  
 No que attenta.

Que embaixada é esta? Póde bem ser, diz Dom João de Castro, «a que mandou o Soldam com tantos ameaços ao Papa, por causa da noua Christandade que El Rey Dom Manoel prantava no Oriente.»

Sahirá o Prisioneiro  
 Da nova gente, que vem  
 D'esse tribu de Rubem,  
 Filho de Jacob, primeiro,  
 Com tudo o mais que tem.

«Esta profeçia he sobre o Senhor Dom Antonio», explica, ainda na *Concordancia*, Dom João de Castro.

Porém que concordancias são possiveis na fumosa zona semi-louca?

Para a critica moderna, no que ella se entranha é no apuro do méandro das intercurrencias e com aquilatar plausibilidades de factores, na apparencia casuaes, se extrema.

Todas as possiveis suggestões, porém, não fructificariam, se com ellas successivamente não coincidissem a decadencia politica do Estado portuguez. Este era um Estado de guerra permanente, mesmo na paz, porque era um Estado de exclusivismo economico, de monopolio, usurpador até da liberdade dos mares: Es-

tado de intolerancia religiosa e Estado de extirpações ethnicas. Mas a decadencia politica instituiu entre nós o regimen da paz verdadeira; e é admiravel como o nosso exemplo confirma as inducções theoricas de Herbert Spencer, quando assenta as bases da moral evolucionista; ahi mostra a discrepancia dos dois regimens, militar e industrial, ainda mesmo para as instituições domesticas, chegando-se, na suavisação crescente, á proclamação da egualdade dos sexos perante a lei e á limitação do poder paterno, comprehendida a obediencia em termos racionaes.

N'esta ordenada sequencia, veio, na decadencia descencional, o progresso de Portugal subindo sempre até o encerrar do seculo XIX. Fim-de-seculo. Fim-de-cyclo?

Sob uma especie de superstição culta, têm certos litteratos politicos imaginado que a terminação das centurias se destaca e particularisa sempre por um conjuncto de acontecimentos, não só surprehendedentes como decisivos para a caracteristica das successivas phases da evolução geral da humanidade. D'esta suppositicia conjectura procede a phrase folhetinistica, que á data entrou no e após a data sahiu do curso, como typica: *fim-de-seculo*.

Consoante já se registrou, as crises seculares não pódem ter nada de fatal; não pódem repousar sobre lei historica alguma demonstrada, sobre selecção alguma racional. E, sem embargo, é força convir em que ás derradeiras centurias, as marca tal qual balanceamento rythmico de occurrencias analogas, por

sem duvida (anota um publicista) mercê de pura coincidência. O mathematico e philosopho d'Alembert foi a primeira pessoa cuja attenção incidiu sobre este facto. Elle fez observar que cada meado de seculo se assignala por uma revolução intellectual; outros meditativos additaram que cada final de seculo é caracterisado, a seu turno, por um grande acontecimento politico ou social.

D'est'arte, houve já quem organisasse a enumeração seguinte :

Meados de seculos : — *A Renascença*, no meado do seculo xv; *A Reforma*, no meado do seculo xvi; *O Cartesianismo*, no meado do seculo xvii; *O Philosophismo*, no meado do seculo xviii; *O Transformismo*, no meado do seculo xix.

Finaes de seculo : — *Descoberta da America*, final do seculo xv; *Reconstituição politica da Europa*, final do seculo xvi; *Apogeu da Monarchia franceza*, final do seculo xvii; *Revolução Franceza*, final do seculo xviii.

O socialista Bénéoit Malon perguntava, no lance, em 1890, se lhe seria licito accrescentar: *Triumpho do socialismo*, final do seculo xix. Não foi; e o seculo xix terminou, mesmo, á sorrelfa. Pelo que toca aos cyclos tambem, Malon recordava que a arithmetica historica fôra egualmente chamada a contribuir e que, em consequencia, ella frisara essas similitudes de duração que seguem: Cyclo babilonico, 15 seculos; cyclo greco-romano, 15 seculos; cyclo christão, 15 seculos. O bondoso integralista resalva, todavia, sua

responsabilidade critica com affixar, ironico, o aphorismo dubitativo: *grammatici certant*.

E, já via andando no xx, se relance se despede para o xix, triste é ter de convir em que findou mal o que bem principiara, epilogado o seculo com a audaciosa violação do direito das gentes perpetrada pela Inglaterra no Transvaal, escorraçado seu bisonho republicanismo pelo imperialismo alfim tyrannisante, na correlação spenceriana. Elle, o seculo que prevaricou, o renegado e apostata, debutara moralmente para a hõje, maior Bretanha, porque da Inglaterra um filho illustrissimo fõsse expiar suas loucuras, sacrificando vã, turva gloria, e a prol da liberdade da Grecia pelejando contra o Turco, como os devotos do nosso Encoberto. Era bem; e o alvorecer da centuria, aos animos generosos os encheu de esperanças, como o despontar de cyclo altruista e puro. Mas aos romanticsos que de lord Byron derivaram ou com elle se instruíram parece que afinal o seculo xix os burlou e enganou. No seu tampo antolha-se cego o vidente Hugo. Este, que na alta symbolica poetica é o maximo do cyclo, em sua linguagem biblica prophetizou — erradamente, ai de nós!, consoante no todo todos os prophetas, aliás — prophetizou como o desfecho do seculo xix seria o remate da Revolução Franceza, de que todos sejamos os filhos.

Tão grande se annunciara, comtudo, o seculo xix que, para balisar seu advento, os historiographos hesitaram; e, assim, na propria reacção jesuitica do segundo imperio bonapartista, em 1867, o professor

Raffy, adoptado em Portugal para texto de aulas, no seu curso de historia universal inscreveu como data para a serie correspondente da historia contemporanea a reunião dos Estados Geraes em Versailles, que se effectuara, de resto, a 5 de Maio de 1789. Mas, no livro vulgarisado de *O Nosso Seculo*, que se apresenta como uma resenha historica dos mais importantes acontecimentos sociaes, artisticos, scientificos e industriaes da nossa epocha, o allemão Otto von Leixner marca a epocha qualificando-lhe para inicio a declaração da independencia dos Estados-Unidos da America do Norte. Todos, por egual, ou o pensaram sequer, ou o disseram mesmo: — para elles, identicamente, o desfecho do seculo XIX seria o remate da obra iniciada pelo final do seculo XVIII. Que admira que o genio synthetico se engane, quando a mesma positiva sciencia humana desvaira, no computo chronologico, duvidando se o seculo enceta em 1900 ou em 1901, hesitante na infantilidade de ter ou não ter havido, na enumeração, anno zero ? !

Porém, o vidente representativo fôra Victor Hugo. Conformemente como para o seculo anterior na França o fôra Voltaire e na Allemanha quasi o chegara a ser Goethe: — agora, em plena geral civilisação, o era Victor Hugo, scismador emphatico mas profundo. Assim, o neo-kantismo de Charles Renouvier — que foi, reconhecidamente, a mais subtil cabeça da França philosophica contemporanea — não se dedignara de redigir, nos dias proximos do fim, volume idoneamente explicativo da significação transcendentemente critica das

palavras, na apparencia, tão só rhetoricas, da idealidade hugolesca. É que, primacialmente verbal, Victor Hugo nunca se resignou a despir a idéa, austera, da opulencia de um vestuario sybarita.

Elle (gravando á agua-forte a corrosiva historia d'um crime, aliás) arrebatou-se, em um dos seus impetos azulados, na chimera do que seria o fim do seculo XIX. Clamou: « Um dia, a breve trecho, as sete nações que resumem toda a humanidade alliar-se-hão e fundir-se-hão, como as sete côres do prisma, em uma radiosa curvatura celeste: o prodigio da paz apparecerá eterno e visível ao de sobre a civilisação; e o mundo contemplará, deslumbrado, o immenso arco-iris dos Povos-Unidos da Europa. »

Como conciliar este sonho com a realidade da rebarbarisação que punziu os velhos dias de Herbert Spencer? Dissipe-se a nuvem que encobre o heroe. O heroe não é um principe predestinado. Não é mesmo um povo. É o Homem.

A fé será theorema; e o imperio não virá da conquista. Não desanimemos, porque não nos illudamos.

Se, na apparencia, a espectativa gorou e a civilisação retrográda, — na realidade a apparencia illudiu e, ao contrario, com verdade, o mundo moral avança. O mundo moral avança, porque, no fim, quem era restricto era o vasto Victor Hugo.

Elle cuidava, no occaso de sua existencia, que havia sete nações que resumiam toda humanidade. Ora, a humanidade é irresumível, e o character da sociabilidade reside precisamente em sua extensibilida-

de. *Civilisação* quer dizer *integração*. Não são devaneios politicos; são factos corroborados. Considere-se o accesso recente do Japão á cultura nossa occidental.

O limite ideal da realidade é a unidade. Os idealistas de outr'ora desvairavam na submissão, porém. *Um só rebanho, um só pastor*, professavam, animalisando-se.

Assim, o erro do Passado consistiu em suppôr a Unidade só possível sob a Auctoridade. A gloria do Futuro será conseguir a Unidade na Liberdade.

Eis já o caracteristico do seculo xx? Attingirá elle já a meta anciada? Esta é a que foi, a perpetua esperança. Expressa-a a palavra ineffavel: Paz.

Ostensivo paradoxo! Inesperado encontro! O sebastianismo coincide com o philosophismo. E o poeta grandioso irmana com o misero trovista. Do seu Encoberto, o remendão visionario proclama que:

Tirárá toda a Erronia,  
Fará Paz em todo o mundo.

«Primeiramente diz: *Tirárá toda a Erronia*: que he extirpar & estinguir todas as falsas seytas e abominações da terra. Depois prosegue: *Fará pax em todo o mundo*: a qual durará muitos annos, em que viuiram com grande descanso, repouso, & summa prosperidade os mortaes.» Mas para nós mais interessante é o que accrescenta o auctor da *Paraphrase*, quando escreve: «Em alguns tratados anda *Será Pax*; em logar de *Fará pax*.»

Bandarra de si confia e a si se louva :

De tudo o que se aqui diz  
Nota bem as prophcias.

Elle exalta-se, mas acanha-se :

Oh quem tivesse poder  
Para dizer  
Os sonhos que homem sonha !  
Mas hei medo que se me ponha  
Gran vergonha  
De m'os não poderem crêr...

Esponaneamente, o rapto subjectivo o levanta poeta ; quasi lhe outhorga a perfeição formal. A visão moral arrebata-o, sublima-o, da tripeça pouza-o na nuvem.

Não obstante tudo, então como agora e agora como então ; a duvida permanece. Não se descortina quando emfim

Será Paz em todo o mundo.

E a destrinça que Dom João de Castro faz na Paz, «inda que se leia da primeira maneira », quasi que não carece de modernisar-se: a paz espiritual e a paz temporal, « que deve ir sempre no segundo logar. »

Se a impaciencia te assalta e a decepção te desfallece, n'esse instante angustioso :

De tudo o que se aqui diz  
Nota bem as prophecias  
E pondera de raiz...

Mas, mesmo «ponderadas de raiz», pois as não entendamos quiçá, perdido é o tempo gasto em «notar bem as prophecias». Porque pela ventura dignos não sejamos, o Encoberto encoberto nos fica e na «historia do futuro» correntiamente não aprendemos a deletrear. De toda esta laboriosa pesquisa restou, pois, essa cinza.

Não. Porque, em todo o mundo, a Paz será.

FIM



## INDICE

---

INTROD. . . . .	v
I — A Fé e o Imperio. . . . .	1
II — O Desejado. . . . .	61
III — O Encoberto . . . . .	137
IV — O Restaurado . . . . .	169
V — Mytho . . . . .	257
VI — Realidade . . . . .	303
VII — Decadencia e progresso . . . . .	315

---





# LIVRARIA MOREIRA-EDITORIA

42, PRAÇA DE D. PEDRO, 44

**PORTO**

---

## *Bibliotheca da GAZETA DAS ALDEIAS*

Viticultura Pratica Portugueza, por M. Rodrigues de Moraes. 1 vol. illustrado com 102 gravuras. . . .	700
Tratado Pratico de Vinificação, por M. Rodrigues de Moraes. 1 vol. illustrado com 73 gravuras . . . .	700

### **No prélo:**

**A oliveira e azeite em Portugal**, por João Ignacio Teixeira de Menezes Pimentel. Este livro illustrado com numerosas gravuras é o mais pratico e completo que em portuguez se tem publicado sobre este assumpto.

**Arboricultura Portugueza**, illustrado com numerosas gravuras, por M. Rodrigues de Moraes.

---

<b>Christã</b> , por Kraszewski, versão de Annibal Passos, 1 vol. . . . .	500
<b>A Morte dos Deuses</b> , por Dmitry de Mereijkowsky, versão de Annibal Passos. 1 vol br. 600 reis, enc. . . .	800
<b>Versos da Mocidade</b> , — 2. <sup>a</sup> edição — por Antonio Fogaça. 1 vol. . . . .	500
<b>D. Affonso VI</b> (Bosquejos de pathologia historica), por Pinto Ribeiro. 1 folheto. . . . .	150